



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ANTÔNIO ABIPINTE TÉ

**PRINCIPAIS RITUAIS DA ETNIA PEPEL: *FANADU* E
CASAMENTO**

REDENÇÃO - CE
2016
ANTÔNIO ABIPINEE TÉ

**PRINCIPAIS RITUAIS DA ETNIA PEPEL: *FANADU* E
CASAMENTO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção de Título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes

REDENÇÃO - CE
2016
ANTÔNIO ABIPINTE TÉ

**PRINCIPAIS RITUAIS DA ETNIA PEPEL: *FANADU* E
CASAMENTO**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes – Orientadora

Prof. Dr. Fabio Baqueiro Figueiredo – Examinador

Profa. Dra. Caroline Farias Leal Mendonça – Examinadora



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
Coordenação do Bacharelado em Humanidades



ATA _____

ATA DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO
BACHARELADO EM HUMANIDADES

No dia 06 do mês de dezembro do ano de 2016, nas dependências da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira do Campus
Liberdade, reuniu-se a banca examinadora de defesa de Trabalho de
Conclusão de Curso (TCC) do **Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades**, sendo ela
composta pelos seguintes professores:

CARLA SUSANA ALEI ABRANTES (professor(a) orientador(a),

FABIO RAQUEIRO LISQUEIRO (professor(a) examinador(a)

CAROLINE FARIAS LEAL MENDINÇA (professor(a) examinador(a).

Foi avaliado o trabalho do(a) estudante

ANDRILLO ABIPINTE TE
intitulado PRINCIPAIS RITUAIS DE ETNIA PEPEL: FANADU E
CASAMENIN

Os trabalhos de apresentação e arguição foram iniciados às 17:00 e encerrados às

18:25. Após a avaliação e deliberações por parte da banca examinadora, o trabalho foi
considerado APROVADO, com conceito 8,5.

Eu, CARLA SUSANA ALEI ABRANTES

lavrei a presente ata, que assino ao final juntamente com os membros efetivos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus a quem devo a proteção, por tudo que foi feito por mim: a inspiração, força, energia e a sabedoria de poder fazer este trabalho. Agradeço aos meus ancestrais, sem eles não estaria aqui. Dou este agradecimento aos meus pais, especialmente à minha mãe Rosa Cá (Banbosinqui Cá), pela educação, ensinamentos, cuidados que ela tem feito por mim, por tudo neste mundo, pela sua paciência e vontade. Se eu sou o que sou hoje é graças a ela que me deu a força até este momento da minha conclusão do curso. Os meus agradecimentos vão para os meus irmãos mais velhos Marciano Cã, Jose Popu Cá, Agostino Cá, Armindo Abapinte Té, sem esquecer da minha querida irmã Ana Cá e a todos que me apoiaram financeiramente e moralmente para a minha viagem para o Brasil. Os outros que os seus nomes não constam aqui, agradeço a todos.

Dedico o meu agradecimento também para o meu amigo familiar Domingos Djú, a pessoa com quem eu moro em Redenção. Desde o primeiro dia da minha chegada aqui no Brasil, eu compartilho com ele as minhas dualidades e entendimento e recebo dele orientação. Dedico também a Eusébio Djú, Jorge Cá e todos os colegas e professores da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

O tamanho deste agradecimento não cabe para registrar as palavras que eu gostaria de dirigir à Profa. Dra. Carla Susana Abrantes. Mesmo assim, agradeço pela vontade, paciência de me aceitar na hora de orientar o meu trabalho durante este período todo, demonstrando a sua dedicação por mim.

Agradeço aos colegas do Grupo de Pesquisa, “Cooperação Internacional e Tradições do Conhecimento”, com quem tenho aprendido muitas coisas, começando pela Domingas da Silva, Dingana Paulo Faia Amona, Numna Té, Deusimara, André Victor, a professora Daniele e a própria professora Dra. Carla Susana Abrantes. Sem esquecer dos entrevistados que me ajudaram muito na construção deste trabalho, o meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral entender os principais rituais da etnia Pepel: o *fanadu* e o casamento. O foco é analisar os processos de passagem do indivíduo de uma fase social a outra fase. Busca-se o registro e compreensão dos processos pelos quais uma pessoa passa por meio destes rituais. Considera-se não apenas as normas, leis e costumes que normatizam este grupo étnico, mas também a questão do sagrado, da purificação e da integração da pessoa dentro da sociedade. Concluimos que o pertencimento à sociedade Pepel se dá pelo vínculo construído com o clã da mãe (*djorson*) a partir dos rituais de passagem. Para os Pepelis, tal pertencimento dá direito à herança após a morte do tio materno. A metodologia baseou-se em pesquisa bibliográfica e entrevistas.

Palavras-chave: Rituais, Guiné-Bissau, Pepelis, Etnia.

Abstract

The aim of this work is to understand the main rituals of the pepels ethnic group that concerns circumcision and marriage. These two elements are taken through the analyses of the rituals of passage of a person from one social step to another. Those steps that a person experiences in these rituals are perceived not only through ethnic customs, norms and laws, but also through issues of the sacred which considers matters of purification and integration of the individual in the society. As the person performs these rituals – the circumcision and the marriage – he will become an important person in this society and will automatically belong to a fundamental member of the mother's family (*Djorson*), which can give him access to the inheritance after the death of his maternal uncle. The methodology of this work was based on interviews and bibliographical research.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. A LOCALIZAÇÃO DOS PEPELIS NA GUINÉ-BISSAU..... | 14 |
| 2.1. Localização geográfica dos Pepelis na Guiné-Bissau..... | 14 |
| 2.2. Situação geográfica da Guiné-Bissau | 14 |
| 2.3. História da Guiné-Bissau | 16 |
| 2.4 - A origem da palavra Guiné..... | 16 |
| 2.5. Origem da palavra Bissau | 17 |
| 2.6. Composição da sociedade guineense | 18 |
| 2.7. Situação geográfica da Região de Biombo ou dos Pepelis..... | 19 |
| 2.8. Conceitos de etnia, tribo, nação, Estado e sociedade | 22 |
| 2.9. Aspectos dos Pepelis ligados à religião | 24 |
| 2.10. Herança, Poder e Sucessão dos Pepelis | 26 |
| 2.11. O poder..... | 28 |
| 2.12. Sucessão do trono | 29 |
| 3. RITUAIS PEPELIS: <i>FANADU</i> E CASAMENTO..... | 32 |
| 3.1. Consideração metodológicas sobre as entrevistas e palavras africanas | 32 |
| 3.2. Origem dos Pepelis..... | 35 |
| 3.3. Subdivisão dos Pepelis e nas as suas localidades..... | 39 |
| 3.4. Fases dos Pepelis..... | 40 |
| 3.5. <i>Djorson</i> ou clã dos Pepel | 43 |
| 3.6. Fanadu..... | 45 |
| 3.7. Casamento..... | 52 |
| 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 61 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 62 |

1. INTRODUÇÃO

Quando em 2014 estudei na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), no curso de Bacharelado em Humanidades, tive a oportunidade de cursar a disciplina denominada “Colonização e Pensamento Antropológico I” ministrada pela professora Carla Susana Alem Abrantes. A professora Susana, durante a sua explicação na aula, fazia referência a autores antropólogos que falavam sobre questão da etnia, da etnicidade, de tribos e seus rituais de casamento e suas tradições. Ela também abordava como a comunidade tradicional lida com a sua organização social, desde costumes, leis, regras, chefias, cerimônias e outros. Tudo isso me fez refletir e questionar a mim mesmo, quem sou eu e a quem pertença. Tudo isso me fez ter interesse por pesquisar os grupos étnicos da Guiné-Bissau. Como o tema é amplo, foi muito difícil para mim, no início da minha pesquisa, fazer um recorte e por isso resolvi pesquisar só um grupo, uma etnia, que é a etnia Pepel¹.

A minha escolha da etnia Pepel se deve ao fato de ter nascido em uma região que pertence aos Pepelis, ou melhor, onde a sua presença é majoritária. Embora eu não tenha sido criado dentro de comunidade Pepel, vivi junto aos Balantas onde participei de vários rituais. Cheguei a falar o Balanta, mas me afastei por ser da religião evangélica. Como sabemos, na Guiné-Bissau, a religião evangélica e católica pode, muitas vezes, estar afastada do que chamamos de “tradição”. Ou seja, está afastada dos rituais tradicionais. Assim, essa educação ocorrida na minha fase inicial fez com que eu me afastasse da cultura e dos rituais dos Pepelis, que eram parte do meu cotidiano. Entretanto, ao longo do percurso de estudos para o curso de humanidades no Brasil, em especial relacionados à antropologia, pude refletir sobre essas escolhas e sobre a possibilidade de conhecer um pouco mais a minha etnia. Isso se tornou um projeto, não só para mim como também para contribuir para os grupos étnicos de meu país.

Para pesquisar a etnia Pepel, escreverei um pouco sobre o contexto histórico da Guiné-Bissau e as características desse país na atualidade. Depois, chegarei à etnia

¹ Para designar o grupo étnico principal deste trabalho utilizo os termos *Pepel* (singular) e *Pepelis* (plural), em correspondência ao falado pelos próprios membros do grupo. Eu falo três línguas (o *Pepel*, o Crioulo e o Português) que contribuíram também o modo como questões e dados foram desenvolvidos ao longo deste texto. De um modo geral, utilizo a seguinte grafia neste TCC: i) itálico para termos em língua estrangeira (ao português); ii) aspas para citações de autores, como é usual pelas regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Pepel. Após estas apresentações iniciais, tratarei das questões principais deste TCC. A exposição da professora nas aulas, como já mencionei, foi o que me convenceu a fazer uma pesquisa sobre a etnia e a “tradição”, no sentido de compreender como uma sociedade organiza a sua tradição. Também me pergunto como um ritual permite a integração da pessoa dentro da sociedade tradicional. Então para a pesquisa sobre os rituais dos Pepelis, comecei por entender os principais ritos, que são o *fanadu* e o casamento, porque são eles que dão acesso a outros rituais e à integração do indivíduo à sociedade.

Fanadu é o ritual de passagem de um indivíduo de uma fase para outra, ou seja, é uma circuncisão masculina para os jovens Pepelis. Esse ritual dá acesso a poder pertencer a certo patamar da sociedade tradicional. Não é só fazer a circuncisão, como veremos ao longo deste trabalho. É principalmente receber educação, conselho, saber com lidar com a sociedade, como lidar com o mundo profano e sagrado. O local onde as cerimônias ocorrem é restrito aos que já foram e aos que ainda vão passar pelo ritual, com a autorização dos responsáveis. É no Fanadu que os novos integrantes vão ser purificados e a partir dele, poderão ter acesso a outros rituais, tais como o casamento, as reuniões importantes da família e da comunidade, e outros. Existe também a circuncisão de hospital, chamado de *Fanadu de hospital* em crioulo. Mas essa pessoa tem que ir no Fanadu da barraca, no mato, para poder receber a purificação e a consagração, ou seja, tem que ir fazer o ritual conforme as regras desse grupo étnico.

O outro ritual tratado aqui é o casamento que une duas pessoas de sexo diferente, homem e a mulher, para formar uma família. Há regras também para esta cerimônia, que como a obediência a indicação da família a que pertencem dependendo do clã ao qual os dois jovens estão interessados. Isso é importante pois existem clãs que não se casam entre si. Então, o casamento tem grande importância, porque é ele que dá à pessoa acesso a ter outro caráter dentro da sociedade, de saber ter ou de poder participar nas decisões de alguns rituais importantes, como a herança, a decisão de membros da família e da *djorson*². Esse ritual também faz com que a pessoa tenha uma dignidade. Da mesma forma que o Fanadu, mesmo que a pessoa case no cartório, se não casar no casamento tradicional ela não é considerada casada para os Pepelis. Isso também acontece no casamento do cartório: se a pessoa não casar no cartório e somente no

² *Djorson* é o termo usado em crioulo (em Pepel, quinha) para identificar os membros de certa linhagem de ancestrais que têm algo em comum, como veremos adiante.

tradicional, ela não é considerada casa frente ao Estado. Então, quem quer ter mais respeito ou quer pertencer aos dois modos de organização social existentes na Guiné-Bissau, tem que fazer os dois casamentos, o do tribunal chamado “cartório” e o da tradição Pepel.

Este trabalho tem como objetivo principal entender os principais rituais tradicionais da etnia Pepel que são o *fanadu* e o casamento. Destaco que não são só estes dois rituais que os Pepelis têm. Existem outros rituais que fazem parte daquela sociedade, como, por exemplo, a herança que dá acesso ao fim do ciclo da trajetória da vida de um indivíduo, e outros rituais. O casamento e *fanadu* são os principais rituais que integram um Pepel dentro da sua sociedade. Também analiso como se realizam esses rituais. Assim, o foco é entender como realizam o *fanadu* e o casamento, ou seja, como esses rituais são feitos e realizados dentro da comunidade dos Pepelis da Guiné-Bissau.

Esses dois momentos da vida de um Pepel fazem dele um “adulto em conhecimento”. Assim, vamos também ver que esses rituais são formadores e transmissores de ensinamentos da vida adulta. Na comunidade Pepel, o adulto não é considerado por sua idade, mas pelos processos rituais pelos quais passou para se tornar um adulto, que o levou a conhecer em profundidade a experiência humana e ganhar mais respeito perante a sua sociedade.

O método utilizado neste trabalho são as referências bibliográficas e entrevistas. Nas referências bibliográficas, trabalhamos com vários autores guineenses, sobretudo os que têm artigos publicados na Revista Soronda do Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa INEP da Guiné-Bissau. Com relação às entrevistas, elas foram realizadas com estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) que pertencem à etnia Pepel e que conhecem e sabem como os Pepelis fazem os rituais, principalmente o *Fanadu* e o casamento. Para chegar a estes resultados e ao recorte principal desta pesquisa, trabalhamos muito, ou seja, demos a volta em muitos autores até chegar ao *Fanadu* e o casamento, a como estão organizados e ao poder que eles conferem a um indivíduo. Trabalhamos com oralidade e revisão bibliográfica, o que significa que aprofundamos a bibliografia para poder sustentar a oralidade.

No que se diz ao resultado obtido nesta pesquisa, constatamos muitas coisas que estão relacionadas com os nossos interesses de pesquisa e que estão divididos em dois capítulos neste TCC. No primeiro tratamos desde a situação geográfica da Guiné-Bissau, a origem da palavra Guiné, a localidade dos Pepelis³, a origem da etnia Pepel, a sua proximidade com os outros grupos étnicos da Guiné-Bissau, a relação que existe entre os Pepelis, os Biafadas, os Mancanhes e os Manjacos. Também vamos abordar da relação entre o tio e sobrinho como prioritária da organização Pepel, e não a relação de pai e filho como é usualmente percebida em outras sociedades. Estes dados estão apresentados no primeiro capítulo, que foi escrito principalmente a partir dos estudos de Benjamim Pinto Bull e outros autores. Nele me concentro também e explorar a ideia de que os termos Guiné e Bissau são palavras de origem africana. A palavra Guiné teria vindo do Alto-Níger e Bissau da própria Guiné-Bissau, provavelmente da etnia Pepel.

A Guiné-Bissau é composta por oito regiões. É dentro de uma destas oito regiões que os Pepelis habitam majoritariamente, que é a região de Biombo. Vamos falar da situação geográfica da região de Biombo, que é composta por três setores e *Tabankas*. Os Pepelis são majoritariamente desta região. Também vamos ver a população total dos Pepelis e a quantidade das *Tabankas*. Para Maria Clara Saraiva, que nos inspirou nesta parte, as *tabankas* são constituídas por *moransas*⁴. As relações que os Pepelis têm com outros grupos étnicos também serão exploradas, principalmente as entre os Manjacos e os Mancanhas. Segundo Mamadu Jau, existiam somente os Brames na região, e a separação e ramificação dos Pepelis, Manjacos e os Mancanhas surgiu só no contexto da colonização. E por último, ainda no primeiro capítulo, vamos tratar do sistema de heranças, ou seja, como surgiu a proximidade entre tio e sobrinho.

No que se diz ao segundo capítulo, essa é a parte das entrevistas com os estudantes Guineenses da UNILAB que são de etnia Pepel, que conhecem, já vivenciaram, viram e têm noção dos rituais dos Pepelis. Eles são de diferentes cursos, idades e localidade de origem da Guiné-Bissau. Eu entrevistei seis pessoas. Dessas seis pessoas, algumas têm ideias comuns e também divergentes sobre o que sabem sobre os rituais de etnia Pepel principalmente o *fanadu* e o casamento. Mas antes de chegarmos

³ Trouxemos o mapa para indicar onde fica a Guiné-Bissau dentro da África e o próprio mapa da Guiné indicando onde cada região fica localizada no mapa.

⁴ *Tabankas* são as (aldeia), conjuntos das casas ou bairro que forma uma tabanka, pode ser grupo de pessoa que vivem sob uma união de uma aldeia. *Moransa*, em crioulo, são conjuntos das casas que formam uma *moransa*, ou círculos de casas que formam uma aldeia. Em *Pepel* denomina-se *mers*.

ao *fanadu* e casamento, vamos abordar os sete *djorsons* da etnia Pepel, porque para acesso ao *fanadu* e casamento o indivíduo tem que pertencer a uma das sete *djorsons*. E por fim falaremos como se procede cada um destes dois rituais dos Pepelis.

Djorson é o termo usado em crioulo (em Pepel, *quinha*) para identificar os membros de certa linhagem de ancestrais que têm algo em comum. É um termo utilizado desde os antepassados até o presente. Ou seja, é o que identifica certas pessoas a algo que têm em comum. Pode ser um sobrenome ou um sinal de marca da família. *Djorson*, em português, pode ser traduzido para “clã”. Para os Pepelis, a pertença a uma *Djorson* é sempre por parte materna. São sempre os filhos da família da mãe que recebem esse vínculo. Se um homem tiver um filho, significa que o filho pertence à *djorson* da sua mãe, não do seu Pai. A *djorson* do pai é dos filhos da irmã, por ser o seu lado materno. O pai não tem nenhum vínculo formal com os seus filhos. Ou seja, ninguém intervém pelo lado paterno. Segundo dizem, é o lado da “barriga da mãe”. Em Pepel, o termo *quinha* significa “parto” em português. O entendimento desta expressão *djorson* é central para a compreensão das dimensões do Fanadu e do Casamento que apresentaremos neste TCC.

2. A LOCALIZAÇÃO DOS PEPELIS NA GUINÉ-BISSAU

2.1. Localização geográfica dos Pepelis na Guiné-Bissau

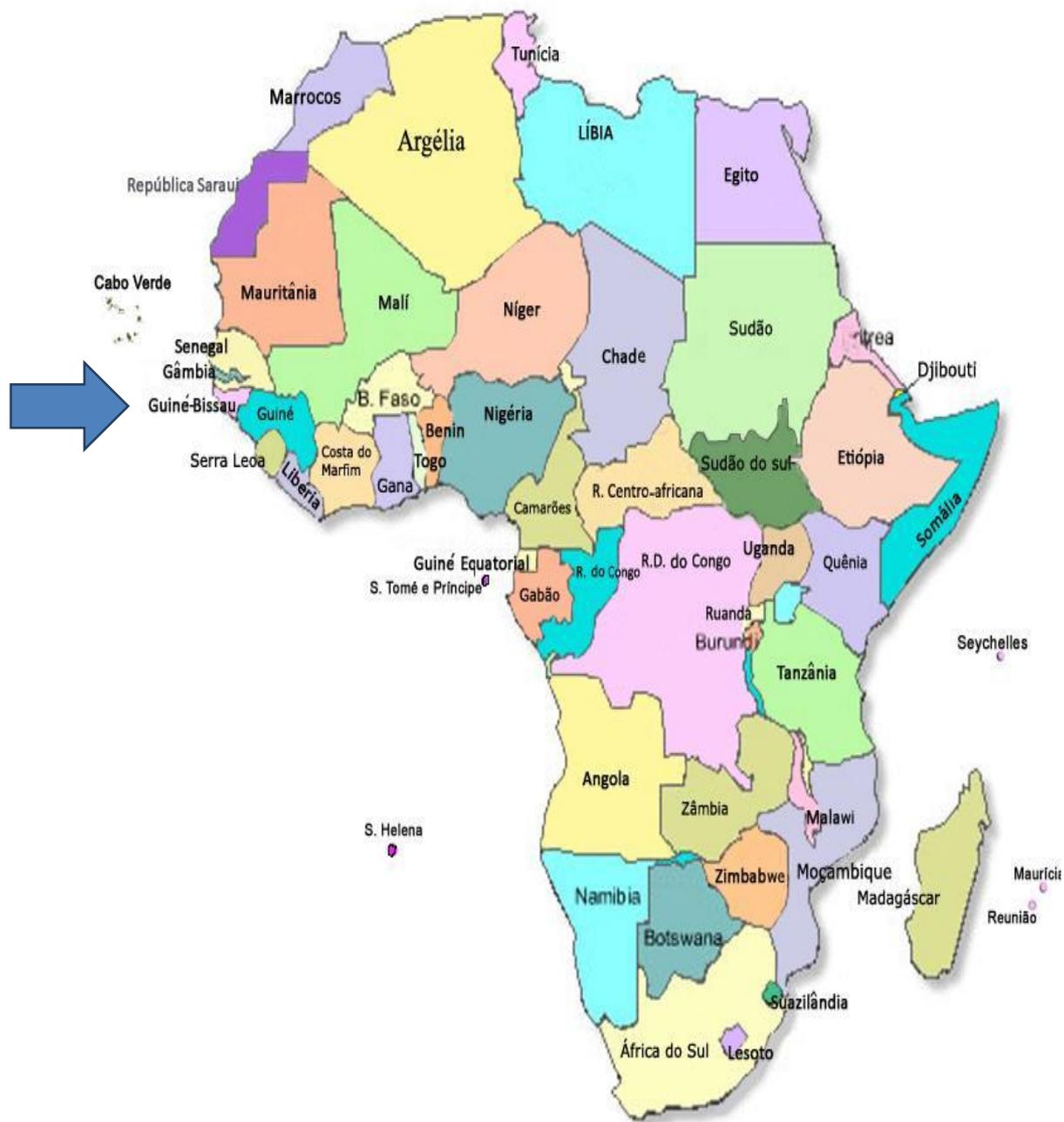
O presente capítulo tem como objetivo contextualizar a história dos Pepelis dentro da história da Guiné-Bissau. Vamos discutir sobre a história da Guiné-Bissau e a origem da palavra “Guiné” e da palavra “Bissau”. Antes de entrar no foco principal do trabalho é necessário contextualizar a história deste grupo étnico. Para tanto, é necessário conhecer o país e em que parte dele esse grupo está situado para depois entrar no foco principal do trabalho, que são os rituais. Assim, este capítulo trata mais da questão da origem e do surgimento das palavras.

2.2. Situação geográfica da Guiné-Bissau

Vamos localizar a Guiné-Bissau entre os países da África com quem faz fronteiras. Segundo Pinto Bull (1989), a Guiné-Bissau fica situada na costa ocidental da África, entre o Senegal ao norte e a Guiné-Conakry, a Leste e ao Sul. Além da parte continental, a Guiné-Bissau tem arquipélagos e é composta por dezenas de ilhas. A superfície total da Guiné-Bissau é de 36.125 km², sendo 4000 km² coberta periodicamente por mares e revestida por *mangas* (mangues). O país tem dois climas: sub-guineense ou tropical marginal e o tropical sudanês ou simplesmente tropical.

Vamos ver o mapa da África abaixo para mostrar em que parte fica situada a Guine Bissau e os países com os quais a Guiné-Bissau faz fronteira.

Mapa 1: Continente Africano



Disponível https://misoafricapt.files.wordpress.com/2012/03/mapa_africa-pt12.jpg acessado em 22/11/2016.

2.3. História da Guiné-Bissau

Em geral, a narrativa comum para remontar à história da Guiné-Bissau é marcada pela ideia de “descoberta” pelos estrangeiros, no caso, portugueses que são percebidos como “descobridores”. De acordo com Pinto Bull (1989), a grande Guiné (composta pelos territórios da Guiné-Bissau e Cabo Verde) foi descoberta por portugueses no século XV, tendo sido designada como tal durante cem anos. Nuno Tristão foi o primeiro a chegar nesse lugar no início do ano 1446, mas foi morto com seus dezoito companheiros logo em seguida com as ervas das flechadas de negros.

Segundo esse mesmo autor, a atual Guiné-Bissau é mais provável que tenha sido descoberta por Álvaro Fernandes, no mesmo ano de 1446, após da morte do Nuno Tristão.

A minha questão é a seguinte: quando se escreve sobre a “descoberta”, será que não existiam pessoas nesse território? E por que só foi descoberta nos anos de 1446? Não estou de acordo com essa ideia de “descoberta”, pois já existiam pessoas nesse território. Talvez dizer que os navegadores portugueses chegaram nesta data, eu concordaria. De todo modo, foi a partir desse evento que se criou um território limitado que após a independência em 1975 se constituiu como um Estado-Nação denominado Guiné-Bissau.

2.4 - A origem da palavra Guiné

É muito importante falar da origem da palavra Guiné, porque tem várias palavras Guiné, então por isso é necessário saber a origem e porque é Guiné. Também existem outros países que começam com Guiné, como Guiné-Conakry, Guiné-Equatorial, e também a própria Costa da Guiné. Como sabemos que a Guiné, não é só a Guiné-Bissau, mas sim tem várias Guinés, isso me motivou a procurar a origem desta palavra. Porque tantas Guinés? Apesar de não ser o foco da minha pesquisa, considero relevante saber sobre a origem desta palavra já que muitos dizem que é de *Pepel*, embora eu não tenha encontrado referências bibliográficas que confirmem essa origem. As pessoas dizem que ouviram.

Segundo Benjamim Pinto Bull (1989), a palavra Guiné é de origem africana, e pode ter vindo do nome de uma aldeia que foi fundada nos anos 1040, na margem do

Alto-Níger. Pela situação geográfica, essa aldeia se tornou um ponto de cruzamento de caravanas de comércio entre o Sudão e a África meridional e entre os Mandingas e os árabes do Norte do continente. Assim, o nome Guiné surgiu a partir desse comércio árabe, que chegou até os países europeus.

No decorrer do século XI, a palavra Guiné sofreu várias grafias, ao se tentar imitar a pronúncia e fonética africana pelos ocidentais: Guynea, Guynea, Guinanha, Guinee, Jinni, Genni, Djenni etc.

2.5. *Origem da palavra Bissau*

Muitos de nós utilizamos a palavra Bissau, sem um estudo mais aprofundado. O significado de Bissau ou a origem desta palavra também tem várias interpretações. Assim como a palavra Guiné, muitos dizem que o termo é de origem Pepel, bem como de outros grupos étnicos e cada um interpreta à sua maneira. Há uma disputa pela origem dessa palavra.

Pinto Bull (1989) vai escrever que a palavra Bissau é também de origem africana, provavelmente de etnia *Pepel*, apesar do autor não aprofundar qual seria o significado da palavra Bissau. Segundo o autor, esse topônimo foi adaptado tanto na língua portuguesa como na língua crioula durante os séculos, tendo essa palavra sofrido várias grafias, como por exemplo: Bissao, Bisanao, Bisao, Biçao, Bissau etc.

Esse território onde está localizada atualmente a cidade de Bissau era conhecido como ilha do Rei em português e em crioulo era *Jiu di Rei*. Esse lugar era o local que os Pepelis faziam as cerimônias presididas pelo seu Rei.

O Ilhéu do Rei — ouve-se às vezes em crioulo *Jiu di Rei* — porém, os crioulofonos instruídos empregam mais o topônimo português — dataria do século XVIII, segundo Teixeira da Mota. Era o principal teatro das cerimônias dos Papéis, presididas pelo seu Rei; daí o seu nome. Ainda segundo Teixeira da Mota, o primeiro topônimo dessa ilha seria *Ile Sorcière*, no início do século XVIII, mencionado nos mapas franceses. Pensamos que devemos remontar um pouco mais no tempo; este topônimo é atestado pelo menos nos fins do século XVII. Com efeito, em 1685, e de la Courbe nos fala dessa ilha e nos explica a origem:

Ilha dos Feiticeiros porque todos os anos o rei vai lá fazer um grande sacrifício ao seu ídolo. (Bull: 1989, p. 33)⁵.

A partir da história, vemos a importância da etnia Pepel para essa região onde hoje se localiza a Capital de Guiné-Bissau, que se chama Bissau. Como veremos abaixo, os Pepelis estão localizados na contemporaneidade na região de Biombo.

Mapa 2: Guiné-Bissau Político



Disponível em <http://pt.mapsofworld.com/guinea-bissau/> acessado em 04/10/2016. 08:45.

2.6. Composição da sociedade guineense

Vimos que na Guiné-Bissau existem sociedades diferentes. Cada sociedade tem as suas formas de convivência e as suas práticas. Na região são encontrados os muçulmanos, católicos, evangélicos e outros, bem como os animistas e indígenas. Estas designações são utilizadas no dia a dia para percepção e descrição de uma diversidade de pessoas e grupos. Entende-se, a partir desse cotidiano, que todos estão misturados em uma única Guiné-Bissau e se entendem uns aos outros. Esta pesquisa sobre a sociedade

⁵ A referência a Teixeira da Mota utilizada é: "Topônimos de origem portuguesa" GECP, Bissau, 1950.

guineense busca mostrar a presença dos grupos étnicos e dentre estes grupos étnicos está a etnia *Pepel*.

A composição da sociedade guineense e dos seus grupos étnicos, segundo Paula Pinto (2009), está definida abaixo:

Atualmente, pode distinguir-se na realidade da Guiné-Bissau três grupos sociais. Um indígena (africanos animistas), outro de influência árabe (islamizados pelos árabes, almorávidas desde os séculos XII-XIII) e outro de influência europeia (cristianizados). Cerca de 55% serão indígenas, 40% islamizados e 5% cristãos (estes concentrados, quase exclusivamente em Bissau).

Temos, sob outro ponto de vista, cerca de 30 grupos étnicos (Balantas, Fulas, Mandingas, Papel, Manjacos, Felupes, Sossos, Djaloncas, Saracolés), sendo que a presença da generalidade destes grupos no território guineense precede a chegada dos portugueses, exceção para os Fulas. Neste texto iremos abordar apenas aqueles com peso demográfico mais significativo porque, embora esta relação não seja necessária ou linear, parece-nos que são, de facto, na realidade da Guiné-Bissau, estas as etnias mais influentes nos processos políticos, sociais e económicos que nos interessam. (PINTO, 2009, p. 31).

Essa explicação, que podemos perceber de Paula Pinto sobre como a sociedade guineense é composta de uma percentagem dos grupos étnicos, retrata aqueles grupos mais influentes nos processos políticos sociais que integram o País.

2.7. Situação geográfica da Região de Biombo ou dos Pepelis

Para tratar da etnia *Pepel*, não podemos só narrar a história sem localizar onde eles habitam, e em que parte da Guiné-Bissau este grupo étnico está localizado. A etnia *Pepel* habita majoritariamente a região da Guiné-Bissau conhecida por Biombo, como já vimos acima. No norte do país existem três “regiões” administrativas ligadas ao governo central: *Oio*, *Cacheu* e *Biombo*. A região de Biombo, que é o nosso interesse de pesquisa, tem três “setores”: Safim, Prabis e o setor de Biombo (Pinto Bull, 1989). Dentro destes três setores vamos ter as “secções” *tabankas* e *moransas*. Quando se fala das *tabankas* fala-se de aldeias; quando se fala de *moransa*, de bairros, ou seja, o conjunto de casas que formam uma *moransa*. Um conjunto de *moransas* forma uma *tabanka* (aldeia). *Tabanka* e *moransa* são termos da linguagem crioula. Em *Pepel* se chama *tabanka osack* e *moransa de mers*, o os autores nos mostram quantas *tabankas*

existem nesta região e afirmam que a população total desta região é majoritariamente Pepelis. Vejamos no mapa abaixo a região de Biombo:

Mapa 3: Região de Biombo



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+regiao+de+Biombo+gb&espv=2&biw=1366&bih=625&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjTuaiiMHPAhWDGpAKHUPqBM0QsAQIIw#imgrc=fwdxxa5bgDIhqM%3A>. Acessado em 04/10/2016/ 09:09.

Segundo Maria Clara Saraiva “os Pepelis constituem acerca de 10% da população total da Guiné-Bissau e também misturados com outros grupos étnicos nesta região principalmente na Capital de Bissau” (SARAIVA, 2003, p. 179), uma referência também confirmada por Candé Monteiro (2003):

Com um total de 61,522 pessoas, esta região tem uma densidade populacional de cerca de 73 habitantes por quilómetro quadrado, o que faz Biombo a mais densamente ocupada das nove delimitadas no país, excluindo a capital. Nesse território há 136 *tabankas*, com uma média de 316 habitantes cada uma, organizadas por *moransas* (*mers*,

em língua Papel), onde residem famílias extensas, distribuídas por casas individuais, correspondendo a cada uma delas um núcleo familiar restrito mas aparentado com todos os outros, sob a autoridade de um “homem grande” (cr.: *omi garandi*), chefe de *moransa* (Gunnlanauugsson *et al.* 1998: 8). Estas comunidades domésticas constituem unidade de organização e produção agrícola a partir da ocupação do mesmo espaço físico e juntam-se em linhagens residenciais que por sua vez se agrupam em matrilineagens. (SARAIVA, 2003, p. 180).

Isso é o que podemos constatar sobre situação geográfica e a população total de dos Pepelis na região de Biombo, e como eles são compostos por *mers* (o que significa um conjunto de casas, a *moransa*). Os casamentos, assunto importante neste TCC, ocorrem a partir do deslocamento de indivíduos de uma *moransa* ou *tabanka* para outra. Também podemos notar o papel de uma chefia de *moransa* na minimização ou regularização dos problemas que acontecem sob o seu território. E também esse chefe ordena a realização das cerimônias. Ou seja, quando se vai fazer uma cerimônia, o chefe é chamado para participar e dar orientação. Assim como os “homens grandes” têm o respeito nesse grupo étnico, as “mulheres grandes” também. Quase todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau consideram os mais velhos, sábios. Quando há algum acontecimento ou problema na *moransa*, os primeiros a serem chamados são os *omis garandis* em crioulo (e em português “homens grandes” ou os “homens velhos”). Mas não são todos os homens grandes que são chamados para resolver o problema da *moransa*. Somente aqueles com caráter, que inspiram respeito e são inteligentes (ou seja, detém conhecimento). A sua postura se torna um exemplo para os mais novos. Nem todos os homens mais velhos inspiram essa autoridade⁶.

A autora Pinto (2009) aborda o contexto histórico dos Pepelis a partir do qual também apresenta a estrutura social e a divisão dessa sociedade em sete *djorson* na língua crioula (clã, português e *quinha*, Papel)⁷. O régulo (rei) ocupa essa posição a partir de um sistema de heranças baseado na posse da terra, o *duno di tchon* (Pinto, 2009)⁸. *Djorson* é um elemento muito importante para os Pepelis, pois dá acesso a pertencer a um determinado lugar ou linhagem. Ninguém faz um ritual sem pertencer a

⁶ A autoridade é contextualmente definida e depende de inúmeros fatores e valores grupais para que seja exercida (Cf. Max Weber)

⁷ Como já foi abordado na introdução, *Djorson* significa clã, ou seja, um conjunto de pessoas que têm a mesma prática dos ancestrais ou alguns antepassados em comum, da mesma linhagem da família, da mesma origem, da mesma palavra que nomeia um indivíduo e que o identifica a algo em comum (sobrenome).

⁸ *Duno di tchon* é o dono da terra, o proprietário da terra.

uma das *djorsons* dos Pepelis. E também através de *djorson* a pessoa vai ter acesso a herdar uma terminada *moransa*. Nestes *djorson* que um *Pepel* vai saber qual o seu lugar de pertencimento, sua identidade e com quem ele ou ela pertence casar, como veremos no segundo capítulo.

2.8. *Conceitos de etnia, tribo, nação, Estado e sociedade*

Depois de abordamos a história da Guiné-Bissau e a situação geográfica dos Pepelis, agora vamos abordar o conceito de etnia, porque é essencial entender o que é um grupo étnico. Utilizaremos dois autores guineenses Carlos Lopes (1999) e Paula Pinto (2009) para abordar não apenas o que é uma “etnia”, mas também “tribo”, “nação”, “sociedade” outros conceitos já que esses termos, para os autores, são congêneres e caracterizam os indivíduos dentro de uma comunidade.

O conceito de etnia está ligado a características de um povo ou de uma população. Também está ligado à questão política, quando se inferioriza uma outra população. Etnia é um conceito muito amplo. Cada autor vai dar a sua definição. Ao se tratar de grupo étnico, estamos lidando com um grupo de pessoas que praticam e têm a mesma cultura, língua, religiões, costumes, clãs, rituais. E também quando as pessoas se auto identificam de forma diferente de outro grupo ou sociedade. Pode ser a questão da língua, cultura, costumes, rituais, religião. Basta ser diferente da outra sociedade que já podemos localizar como sendo um grupo étnico.

Contudo, tal como “tribo”, “etnia”, emprega-se também nos casos considerados arcaicos, e associa-se-lhe o tribalismo como expressão contemporânea em política (LOPES, 1999, p. 46).

Para Lopes (1999), a palavra “etnia” é pejorativa e arcaica, utilizada para denominar certa sociedade ou certos indivíduos muitas vezes associada a “tribalismo”, um termo muito utilizado contemporaneamente. Por outro lado, a autora Pinto (2009) afirma que os grupos étnicos ou etnias podem ser entendidos por conjuntos de indivíduos que têm em comum as mesmas práticas (línguas, políticas, histórias). “Um coletivo social relativamente coeso e durável, enraizado num passado de carácter mais ou menos mítico; um grupo que se baseia na crença coletiva de uma ascendência, mais ou menos longínqua” (PINTO, 2009, p.32). Assim, para o contexto de nossa pesquisa

percebe-se que os Pepelis têm crenças comuns nos rituais de casamento e *fanadu*, que são o nosso foco.

“Tribo” é um conceito político que procura inferiorizar o outro, e se constrói sobre a ideia de que o outro deve obedecer. Lopes (1999) afirma que a palavras «tribo» e “etnia” são palavras com o mesmo sentido que implicam no sentido arcaico associado a “tribalismo”. Podemos perceber na questão de inferiorizar o outro, vem uma herança da política europeia, na minha percepção. Assim, trata-se de um conceito trazido do período colonial, pela estrutura de expansão e violência dos europeus. Porque foram eles que inventaram estas palavras “etnia” e “tribo”. Tribo está presente neste trabalho, porque é importante que se perceba que ao definir um grupo como “tribalista”, existe uma intenção de inferiorização. Neste trabalho, ao contrário, estamos buscando determinadas práticas e culturas para a valorização dos Pepelis e o entendimento de que tais práticas não são inferiores, como foi percebido no período colonial pelos europeus.

“Nação” traz um sentido mais abrangente de uma estrutura política com poderes que integra uma união econômica e a junção das pessoas e de uma localidade. A consciência nacional permite entender o bem coletivo como mais importante do que os interesses individuais. Para a Paula Pinto (2009) uma “nação tem uma componente política bastante mais acentuada, enquanto a civilização implica uma expansão cultural mais vasta” (PINTO, 2009, p.33). Por isso todas as etnias presentes na Guiné-Bissau associam-se as duas realidades socioculturais: a nação guineense e a civilização da África Negra.

Então os Pepelis estão dentro de uma Nação, ou seja, trata-se de um conjunto de grupos que estão sob o controle de um Nação. Vemos que a Nação da Guiné-Bissau procura regularizar as etnias⁹. Neste contexto os Pepelis possuem limitações para certas práticas que não podem ultrapassar os limites estabelecidos pela Nação. Estamos lidando com um conceito de Nação a partir de Carlos Lopes (1999) que é o conjunto, nome coletivo, de um território.

Lopes (1999) também nos mostra a importância de definir o que é sociedade como uma agregação das pessoas sob um lugar, dos mesmos costumes. O conceito de sociedade varia em função do contexto histórico. No caso que nos interessa, mais vale

⁹ No caso da Guiné-Bissau, quando existem conflitos entre as etnias (como por exemplo, conflito de terras), o Estado entra para controlar e solucionar-los. Além disso, há normas do Estado que definem regras para a convivência étnica e religiosa.

utilizar uma definição de Lopes (1999), de que a sociedade exprime uma interação distinta dos termos “etnia” e “nação”, por ser mais englobante do que estas.

Lopes (1999) afirma, ainda, que a sociedade pode ser a própria etnia ou a nação, porque ambos são também conceitos da política.

É impossível responder interinamente a esta pergunta, visto que o conceito de sociedade varia em função do contexto histórico. No caso que nos interessa, mais vale dizer que ela exprime uma interação distinta da que temos com a etnia ou a nação, por ser mais englobante do que aquelas. Mas a sociedade pode muito bem ser o mesmo que etnia ou nação, o que torna esta mesma definição inutilizável num sentido mais restrito (LOPES, 1999, p.53).

Esses são quatro conceitos que podemos utilizar em nosso trabalho para localizar e pensar sobre os indivíduos dentro de um território. Cada conceito tem o seu começo e o seu limite; uns são mais abrangentes, outros com mais limites dependendo das ideias de cada autor. Nesse contexto, após apresentar estas ideias, voltamos aos Pepelis para compreender que precisaremos aborda-lo como um grupo étnico que possui suas próprias regras e limitações, ocupando também um espaço ou território. Nesta pesquisa, os conceitos de nação e sociedade nos servem para pensar que são categorias da política assim como a “etnia”. Deixaremos de lado o uso da palavra “tribo”, por conter um valor pejorativo na linguagem comum. As categorias “etnia” ou “grupo étnico” serão neste trabalho valorizadas e colocadas para reflexão a partir dos ordenamentos locais (normas locais) que observamos em ação nos rituais de *fanadu* e casamento tradicional dos Pepelis. Outros ordenamentos que são provenientes da Nação (e do Estado), como por exemplo o registro de nascimento e outros documentos, não serão aqui abordados, embora sejam também importantes para se pensar o que é o “étnico” na Guiné-Bissau.

2.9. Aspectos dos Pepelis ligados à religião

Os Pepelis estão ligados à religião. Tudo o que eles fazem está ligado à religião. Assim, ao realizar o ritual de *fanadu*, há um pedido ao “seu superior” para que esse ritual seja feito sem obstáculos. Ou seja, antes de se realizar um ritual, há a consulta do seu superior Deus, que em Pepel é *Ursi*. Nada se faz sem consultar *Ursi*, que é um ser superior. Mesmo no casamento, antes de se casar, o homem ou mulher tem que fazer a consulta à sua religião, para perguntar se pode casar ou não. Também esses seres superiores têm os seus altares presentes em volta das casas. Em geral, esses seres

superiores em volta das casas ou *moransas* são muito respeitados ao mesmo tempo em que geram medo e são chamados em *Pepel* de *n'sai* e em crioulo *irãs*. É justamente esse *n'sai* a quem sem consulta. Para Maria Clara Saraiva (2003), a religião é o suporte ou interligação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Ou seja, existe essa relação constante dos ancestrais com os vivos.

O lado prático e cotidiano da religião é o veículo da constante e perpétua relação que os vivos mantêm com o mundo dos mortos. Os altares dos antepassados — denodados em crioulo, *testos* e *firkidjas di alma* — estão presentes no interior e exterior das casas, e os vários tipos de santuários — *balobas*, *kansarés* — são os locais primordiais onde se estabelece a relação com o além, e onde oficiam os especialistas e dignitários religiosos, *baloberos* e *djambakoses*. Consubstancializada através da reencarnação e das várias formas de comunicação com o além, a relação com os antepassados é perpetuada em cada gesto do cotidiano papel. Antes de se começar a comer derrama-se arroz bebidas — pelos antepassados. Do mesmo modo, nenhuma cerimônia se decide sem se consultar a sua opinião e nunca um rito se inicia sem que eles sejam primeiros invocados. (SARAIVA, 2003, p.181).

Com numerosos tipos de santuários *kansare*, *balobabas* (que são locais prioritários, ou seja, lugar onde se fazem cultos, pedidos aos seus ancestrais), os *Pepelis* estabelecem os pedidos e a consagração da sua religião ao considerado superior a eles¹⁰. Antes de comer uma comida, derrama-se aguardente de cana (cachaça) ou vinho de palma (vinho tirado das palmeiras) e a comida para os ancestrais. Também fazem isso na época da chuva, quando eles vão começar a cultivar as *bolanhas* (onde está a plantação de arroz) ou quando vão viajar para outro lugar. Eles derramam o vinho e a comida para as *balobas* para pedir aos ancestrais para que tudo dê certo e para que se tenha uma boa colheita. E para uma boa viagem e bom regresso para a *tabanka*.

Podemos perceber que ninguém faz uma cerimônia ou um rito sem consultar os ancestrais. Ou seja, sempre vai haver uma pessoa que faz uma interceptação entre os ancestrais e os vivos. Sempre um “homem grande” da família ou da *moransa* de confiança ou alguém indicado pelos *balobas* e *cansares* para se responsabilizar por essa

¹⁰ *Kankare* significa local ou um objeto utilizado para festejar as práticas religiosas. Os objetos chamados de *kansaré* servem para procurar ou proteger os maus feitores na sociedade, trazer paz à comunidade. Pode ser também um lugar de culto aos seus ancestrais ou utilizado para proteger as pessoas pertencentes a certos *djorson*. *Baloba* é um lugar sagrado das etnias que praticam o culto de religião tradicional africana; significa altar familiar ou local onde pairam as almas dos antepassados.

intermediação dos rituais ou das cerimônias (SARAIVA, 2003). Isso me faz lembrar de que, para ter acesso ao *fanadu* e ao casamento, é necessário consultar os ancestrais para que não se tenha um impacto negativo no futuro.

2.10. Herança, Poder e Sucessão dos Pepelis

Herança, poder e sucessão ao trono têm muita importância no presente trabalho, pois ajudam a entender os rituais de casamento e *fanadu*. Quando a pessoa vai ao *fanadu*, ele é considerado “civilizado”, “educação”, “purificado” e “consagrado” para poder participar em quaisquer outros rituais dos Pepelis. Ele ganha assim poder para ter acesso a integrar a sociedade. E se casar sob as regras tradicionais. Ao casar, o homem passa a ter acesso e pertencer ao *djorson*, que como dissemos anteriormente, é o clã ou linhagem ou seja, o coletivo onde se reúnem os membros ou família importantes da comunidade dos Pepelis. Depois de se casar a partir desses ordenamentos coletivamente estabelecidos, o homem tem direito a ocupar o lugar de chefia na comunidade, um processo conhecido por *herança*. A pessoa deixa para trás o lugar de moradia e herda uma outra *moransa*, a partir de onde o homem controla os bens patrimoniais da pessoa que faleceu. Assim, podemos resumidamente dizer que *herança* é quando um chefe da *moransa* morre e é substituído por outro homem que o sucederá. Entretanto, esse direito à sucessão só é garantido para o homem que seja da mesma *djorson* materna. E é justamente através do casamento e do *fanadu* que o homem passa a pertencer à sua *djorson* que lhe é de direito e que é, por esse procedimento da *herança*, passada para a sua responsabilidade. Se o homem não casar, não pode pertencer e também herdar uma *moransa* porque ele ainda não pertence a nenhuma *djorson*. A partir do conceito de *herança* de Cardoso (2003), a aproximação entre o tio e o sobrinho é fundamental.

O conceito de herança entre os Papéis vai ao encontro da noção geral segundo a qual são herdados os direitos sobre os bens e não os bens em si, na medida em que o herdeiro não é o único na *djorson*. Regras gerais, pondo de lado alguns bens móveis que constituem propriedade pessoal ou mesmo privada, o bem constitui pertença de toda *djorson*. Quem herda deve sempre recordar-se de que será herdado. O herdeiro não é mais do que o responsável e gestor do bem ou bens comuns. Neste sentido existe uma total convergência com o direito positivo, que estabelece que a herança é constituída por situações jurídicas e não por bens. (CARDOSO, 2003, p. 157 - 158).

De acordo com a afirmação de Cardoso (2003), há um entendimento de que a *herança* está ligada a um sistema jurídico, legal, de estabelecimento de normas que são

fundamentais para a etnia Pepel e sua organização social. Veremos ao longo deste trabalho uma outra possibilidade de interpretação desses códigos e procedimentos Pepel.

Quando apontamos para o fato da sucessão ser matrilinear, estamos mostrando que o direito de pertencimento à *djorson* é assegurado apenas ao sobrinho do irmão materno. Quando existem mais de um sobrinho do irmão materno, o herdeiro passa a ser o primeiro. “Irmãos consanguíneos não se sucedem na herança. Em princípio, o primeiro herdeiro, legitimado pela tradição, é o sobrinho mais velho” (CARDOSO, 2003, p. 158). O autor nos apresenta também outra regra do sistema de herança. No caso de haver um falecimento de uma pessoa adulta que não teve irmão materno, os seus herdeiros passam a ser os filhos da prima, sempre em linha materna.

O processo de passagem de bens do pai para o filho na etnia Pepel pode ocorrer quando o pai oferta ao filho como gratidão por este ter lhe prestado serviços. Segundo Cardoso, “No entanto, esta passagem deve ser declarada pelo filho logo que se realize o enterro, na presença dos familiares, membros de *djorson*, num encontro de concertação chamado *kuno* (Papel)” (CARDOSO, 2003, p.159). Neste caso podemos perceber a importância das mulheres, principalmente as mães já que os filhos a elas pertencem. Através das *djorsons* que sempre pertencem à parte maternal, podemos pensar que as mães têm valores positivos neste grupo étnico. Se as mulheres não tivessem valores, a *herança* e *djorsons* não pertenceria a elas, mas pertenceria aos pais.

Cardoso (2003) mostra que, na *herança*, se sobrinho herda do tio, pode fazer filhos com as mulheres do tio, mas a mulher não é obrigada a aceitar fazer filhos com o sobrinho. Ela decide. “No entanto, caso a mulher não esteja de acordo e não queira viver maritalmente com o seu novo marido, terminadas as cerimônias fúnebres, pode abandonar o lar e ir viver com outro parceiro com o qual pode fazer mais filhos” (CARDOSO, 2003, p. 160). Ao se tornar viúva, a mulher é livre para voltar ao lar (local da casa do sobrinho) após prestar algumas cerimônias, quando se fizer necessário. O sobrinho tem direito a prestar essa cerimônia de respeito ao morto (ex-marido que lhe fez a cerimônia do casamento) no processo dessa tradição. A mulher não pode deixar o lar do marido morto sem que ela preste alguns serviços na casa do herdeiro. Estes serviços estão ligados ao que ela fazia ao marido falecido, como por exemplo cozinhar ou apanhar água.

Aqui vimos a importância dos deveres do casamento para as mulheres e os homens. Se a mulher não for casada, mesmo que tenha filhos, não terá ninguém para fazer-lhe as cerimônias necessárias, como por exemplo no seu funeral ou outro momento socialmente importante. Isso se deve pelo fato do (s) filho(s) pertencer ao homem com quem casou e não por aquele com quem teve o filho. Assim, se não for casada, não pode ter acesso a rituais necessários para aquela sociedade, ou seja, não teria respeito ou honra de receber o título de ser casada. O mesmo ocorre para os homens solteiros. Para os homens, o casamento tem importância de lhe trazer honra quando morrer já que alguém vai lhe fazer o ritual e cuidar e se responsabilizar das cerimônias. Podemos perceber que os homens precisam das mulheres e as mulheres precisam dos homens – uns dependem dos outros para poder coabitar.

A história da *herança* da etnia *Pepel* é longa e veio de uma tradição de muito tempo. Há referências em alguns autores, mas não encontramos argumentos que mostrem a importância desses rituais do cotidiano *Pepel* para a sua afirmação não apenas identitária, mas política. É nesse sentido que nós voltamos agora para uma reflexão sobre o poder.

2.11. O poder

No que se diz ao poder, o poder não é fixo, ou seja, não é uma família ou linhagem que o detém, mas sim, ele é movimentado pelas pessoas. Um fica lá (nessa posição) até quando morrer, o outro vai substituí-lo. Os bens patrimoniais são coletivos: tudo o que a pessoa encontra na *moransa* vai servir para o bem coletivo, não para o individual. E também para se ter acesso a essa herança, é preciso cumprir as normas, direitos e deveres de poder participar e pertencer a esse poder. A sucessão não se passa de qualquer maneira, mas sim tem certas normas, chamadas também de direito, que são repassadas pelo poder. Existe também a pertença, quem pode ser o *regulo* (rei), como se vai ser *régulo* e como vai tomar o poder.

Cardoso (2003) nos mostra como o processo de trono se regulariza com obediência às normas e leis na herança dos bens ou nos móveis e imóveis por parte do *régulo*. Segundo este mesmo autor, “Por morte do *régulo*, o trono é assumido pelo sobrinho ou por alguém da mesma *djorson*, o que significa que o poder pertence sempre nas mãos de uma mesma e só *djorson*, que é a dos nobres ou *djagras* (crioulo)”

(CARDOSO, 2003, p.161). Isso mostra que tem classes nobres dentro de Pepelis, que são os que têm direito à herança de ser régulo. O dono de trono. Mas existem outras heranças de ser dono da *moransa*, ou seja, cada *djorson* tem a sua *moransa* e o direito legítimo de a herdar.

De acordo com o autor Cardoso (2003), existe a prática que informa, no caso de acontecer que o tio esteja no trono de uma *moransa* e o sobrinho na outra, ao ocorrer a abertura da sucessão (ou seja, o tio vier a falecer), o sobrinho é o potencial herdeiro e deverá deixar a sua *moransa* para herdar a do tio. Assim, ele muda de trono para assumir o trono do falecido tio. “Este fenômeno, designa por *ndjo Pia ossak* em língua Pepel, é conhecido em crioulo por *n,na bai iarda* ou *n,na bai tem tchom*” (JAO, 2003, p.161). Expresso em português significa “vou herdar, vou assumir o trono num certo bairro”.

2.12. Sucessão do trono

Na sucessão, vamos entender como é que o tio cede o poder ao sobrinho. Caso o tio tenha muitos sobrinhos, o tio escolherá o sobrinho que mais lhe prestou o serviço, que mais lhe respeitou ou aquele de quem mais gostava para suceder ao trono. Cada sobrinho faz de tudo para o tio gostar dele.

Segundo Cardoso, a sucessão do trono do tio para os sobrinhos tem que ser a escolha de quem ele mais gosta, aquele que lhe mais fez o serviço ou aquele que lhe mais ajudou no trabalho. Seguidamente designa-lo como o seu herdeiro e está “decisão deve ser tomada bem antes da abertura de sucessão e comunicada necessariamente aos membros da família que normalmente de ocupam deste assunto” (Cardoso, 2003, p. 161). A herança ocorre unicamente nos meios das elites de *djorsons* dos Pepelis que são os *djagras*, em crioulo e *Basasso* em Pepel. São eles que têm direito à herança de ser *régulo*, ou seja, são os legítimos nestas *djorsons*.

Recordamos antes de mais o facto de que o fenómeno social *herança* ocorre sempre e exclusivamente no seio de uma mesma *djorson* e que a tradição não permite com que rapazes e raparigas desta *djorson* se casem. Recordamos ainda o facto de que a herança é matrilinear, *de barriga* como se diz em linguagem corrente na Guiné-Bissau. Uma vez que não são admitidos casamentos *intradjorson*, automaticamente os filhos provenientes de um matrimónio contraído entre representantes de duas *djorson* tem, de um lado, a *djorson* do pai e, do

outro, a *djorson* da mãe. Por esta razão, o filho não pode ser herdeiro mais sim o sobrinho em linha materna (CARDOSO, 2003, p.162).

Percebemos que, o autor tocou no assunto de casamento, o casamento está presente na herança uma vez que não é permitido a casamento *intra-djorson*, porque a herança é feita através das *djorsons*. Então, uma vez que o filho pertence à linhagem maternal, à *djorson* da mãe, se vier a casar a mesma *djorson*, significa que são os irmãos que casaram. É o casamento dos irmãos. Por isso que não é admitido o casamento *intra-djorson*, apesar de alguns entrevistados dizerem (veremos no segundo capítulo) que têm *djorsons* que se casam entre si e outras que não se casam entre si. Existe um distanciamento entre pai e filho, sendo que o filho tem mais proximidade com a mãe do que com o pai, devido à questão de *djorson* ou de *barriga* (barriga em português). Tem uma versão que eu ouvi dizer que “filho nunca nasce atrás da mãe, mas sim frente da mãe, mas o filho pode nascer atrás do pai”. Esta versão ou conto pode ter a ver com a proximidade da mãe e do filho. Veremos abaixo outra versão.

Cardoso (2003) aborda o percurso sobre os *Pepelis* com algumas observações meio científicas e meio lendária sobre a razão pela qual são os sobrinhos que assumem a herança. O autor nos mostra a origem, ou seja, esta relação de proximidade que existe entre o tio e o sobrinho, maternal.

Certo dia, um jovem decidiu ir à caça e, tendo morto uma gazela, resolveu pregar um susto ao pai para ver qual seria a sua reacção. Deixou bem guardada a sua presa e rumou para casa. Ao chegar, explicou ao pai que lhe tinha acontecido uma grande desgraça; tinha tido a infelicidade de disparar sobre um homem, o qual confundira com um animal no meio da floresta. Cheio de medo, o pai disse-lhe que fosse procurar seus familiares mas próximos, uma vez que ele não podia acompanhá-lo. O jovem foi ter com um irmão da sua mãe, portanto seu tio, que logo se prontificou a acompanhá-lo e a ajudá-lo a enterrar do cadáver. Quando chegaram à floresta, o tio viu que se tratava de uma gazela e não de um homem. Os dois juntos, tio e sobrinho, comeram a carne e levaram um bocado ao pai do jovem (CARDOSO, 2003, p.162-163).

Esta versão mostra a aproximação do tio pelo sobrinho, não pelo pai, segundo o autor. Na questão de *fanadu* e casamento, notamos que, como o tio tem tanto amor e aproximação do sobrinho, então uma vez que o casamento tem lugar ou a família casa, o tio pode dar casamento ao sobrinho, uma vez que o sobrinho vai lhe herdar. Por isso o tio não vai querer que o sobrinho tenha uma família “ruim”, ou uma “má mulher”. No *fanadu*, o tio sempre vai querer que o sobrinho faça o *fanadu* para lhe “segurar” na

sociedade ou para lhe substituir no trono. Porque se o sobrinho não for ao *fanadu*, ele não será purificado para participar em qualquer ato importante. Essa é vantagem do casamento e do *fanadu* em qualquer ritual dos Pepelis. Por isso *fanadu* e casamento são rituais muito importantes para os *Pepel*.

3. RITUAIS PEPELIS: *FANADU* E CASAMENTO

O presente capítulo tem como objetivo narrar os principais rituais dos Pepelis e também alguns aspetos ligados a estes rituais nas percepções dos entrevistados. Assim, este capítulo descreve as fases que cada um passa até chegar ao resto da sua vida, o que tem que passar e por que purificação é necessário passar. E vamos chegar ao nosso foco central neste trabalho, que é o *fanadu* e o casamento. Primeiro, vamos abordar o *fanadu*, que é um processo de iniciação, como já foi dito, ou seja trata-se de um ritual de passagem tradicional que orienta o indivíduo dentro de comunidade desse grupo étnico. No casamento vamos ver os procedimentos pelos quais a pessoa passa até chegar ao dia do casamento bem como o valor que esse ritual tem para o grupo. Para os Pepelis, mesmo que o casal tenha muitos filhos e se case em cartório (registro civil oficializado pelo governo), se não houver o casamento tradicional, as pessoas não são consideradas casadas. Além disso, vamos ver que, no caso dos homens, quando do casamento, se não passar pelo ritual do *fanadu*, há uma diferença de tratamento pois existe uma cerimônia que a pessoa não vai poder fazer devido à falta de *fanadu*. Durante este trabalho, também vamos abordar rapidamente a importância e os valores das mulheres neste grupo étnico. Esses dois rituais são muito importantes para a sociedade Pepel e um depende do outro, ou seja, são rituais interdependentes, sendo o primeiro a “entrada para a purificação” e o segundo a “entrada para a dignidade”.

3.1. Consideração metodológicas sobre as entrevistas e palavras africanas

O que me levou a fazer as entrevistas com seis estudantes Guineenses na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), que são de etnia *Pepel*, é que eu queria ir até Guiné-Bissau, para fazer a pesquisa de campo. Essa seria uma pesquisa participativa que não foi possível pois não tive condição de ir até lá. Assim, optei por fazer entrevistas com pessoas que pertencem a este grupo étnico que estuda na UNILAB e que tem conhecimento por ter presenciado os rituais dos Pepelis que tratamos neste TCC, *fanadu* e o casamento. Os meus interlocutores são também de idades e localidades de origem diferentes, embora sejam todos da região de Biombo. Nas entrevistas, constatei haverem muitas informações que eu mesmo precisei na minha trajetória como sendo um Pepel. Muitas informações não foram incluídas neste texto escrito, por considerar que não cabe colocar tudo, apenas o que achamos

importante, eu e a minha orientadora, para responder às questões selecionadas ligadas ao modo como a sociedade organiza a sua tradição. Também nas entrevistas vamos usar nomes fictícios para os entrevistados, para preservar as suas identidades.

Vou colocar, na lista abaixo, os nomes fictícios, idades e locais de origem dos meus entrevistados, de modo que o leitor tenha uma ideia das fontes utilizadas para tecer as considerações que estão sendo feitas neste TCC sobre os rituais em questão.

- a) Yeque, tem 30 anos de idade ele é de Biombo, de *tabanca de Blon*, mas fez muito tempo em Bissau, mas sempre iam para Biombo ajudar a família no trabalho da lavoura de *bolanha* e outro trabalho de campo, e também ele presença nas cerimônias. Ele foi entrevistado no dia 23 de março de 2015.
- b) Coguto de 26 anos Pepel de Biombo viveu a sua infância em Biombo e foi estudar em Bissau, como não tinha Liceu em Biombo ele é obrigado a ir estudar em Bissau, mas sempre ele ia para biombo ajudar a família trabalho de campo. Entrevistado no dia 25 de abril de 2015.
- c) Gobetoco de 26 anos de Prabis, viveu a sua vida na Prabis, foi para Bissau para estudar, sempre ia Prabis para ajudar família no trabalho de campo, e quando tem algumas cerimônias ou ritual ele Sempre ia lá para participar nesse ritual. Entrevistado no dia 17 de julho de 2015.
- d) Jofraca de 28 anos, de Reino Tor, viveu a sua infância durante o tempo lá, estudo em Quinhamel, um dos três setores de região de Biombo, lá tem liceu, e também fica perto de Reino de Tor, sempre participa nas cerimônias e rituais dos Pepelis. Entrevistado no dia 15 de agosto de 2015.
- e) Tedjediblo de 31 anos, de Biombo, *tabanca de Quita* viveu a sua infância toda em Biombo, e depois foi Bissau estudar. Mas nunca desligou da tradição sempre está presente quando tiver ele participar em qualquer atividade ligado ele, como por exemplo cerimonia *toka choro* entre outros. Entrevistado no dia 31 de abril de 2016.
- f) Covapin, de 26 anos, nasceu em Biombo, mas foi criando *Catio*, é a outro setor de outra região do sul do país. Ele participou sempre nas cerimônias dos Pepelis, sabe e ouviu a história contada pelo o seu avô e os irmão mais velho. Entrevistado no dia, 25 de março de 2015.

Essas são as características dos entrevistados. Podemos notar as fortes ligações que eles têm ou tiveram com as suas origens, mesmo estando no capital. Ou seja, sempre estiveram ligados às suas terras natais, nunca as esqueceram. Encontrei muitas dificuldades para realizar as entrevistas, devido à falta de tempo que nós tivemos, ocupação de cada um de nós, principalmente a dos entrevistados. Quando eu tinha tempo, eles não tinham, quando eles tinham, eu não tinha. Eu queria entrevistar muitos estudantes Pepelis na UNILAB, mas só que muitos não quiseram, outros disseram faltar tempo e outros disseram não nada saber dos assuntos dos Pepelis.

De acordo com os entrevistados, dá para perceber que para ser *Pepel*, a pessoa, homem ou mulher, tem que estar vinculada aos rituais. Se não há vínculo aos rituais significa que está fugindo das “normas tradicionais”, ou seja, a pessoa está fora do mundo deles e não pertence ou não vai poder participar em qualquer outro ritual ou cerimônia que exige a iniciação pelo ritual e que a vincula a essa tradição. Para a pessoa se vincular a esse grupo étnico, primeiro ela (no caso dos homens) deve ir ao *fanadu*, segundo deve se casar e terceiro deve *herdar* o lugar ou posição dentro da comunidade (também chamado de *sucessão*). Entretanto, a herança não é tão obrigatória como no caso do *fanadu* e do casamento. Mas isso tem a ver com a questão dos *djorsons*, como vimos no primeiro capítulo, pois depende do pertencimento a esse núcleo comunitário menor. *Fanadu* é o ritual que inicia a pessoa do sexo masculino a se integrar dentro do mundo de civilização e purificação dos Pepelis. Não só dos Pepelis, mas sim, quase de todos grupos étnicos da Guiné-Bissau. O *fanadu* é a porta de entrada das coisas de purificação, da civilização tradicional deste grupo étnico. Quem não fez o *fanadu* nos Pepelis não é civilizado, ou seja, não é purificado, e o mesmo que acontece no casamento. O casamento dá mais acesso a questão de um status de honra, dignidade, respeito e reponsabilidade.

A civilização que vamos utilizar está referida à civilização tradicional. A pessoa que já fez todos os seus ciclos rituais desta sociedade é visto como um civilizado. Posso assim dizer que a presença dos iniciados nas reuniões ou nos outros rituais é extremamente importante, não só para os homens, mas também para as mulheres. Uma mulher casada é vista como a mulher de qualidade, de respeito e de responsabilidade na comunidade. Para a comunidade estas pessoas que já fizeram um caminho nesses ciclos rituais, passa a ter um comportamento diferente do que quem que nunca passou pelo processo ritualístico. É neste sentido que me referindo à civilização deste grupo étnico.

3.2. *Origem dos Pepelis*

Embora já tenhamos tratado da origem dos Pepelis no primeiro capítulo, consideramos importante retomar este tema por percebermos uma variedade grande de perspectivas a partir dos entrevistados. Cada um narra o que ouviu através da oralidade dos *omis grandes* (os mais velhos). Muitos disseram que os Pepelis são provenientes da etnia *Biafada*, que habitam a região de Quinara, no sul do país. Segundo a explicação deles os *Biafadas* vieram do Mali, um País da África ocidental que é da mesma sub-região da Guiné-Bissau. Esta é a história oral que foi contada pelos mais velhos e os antepassados sobre a origem de etnia *Pepel*. Os entrevistados justificaram que existem algumas cerimônias em comum que os Pepelis fazem com os *Biafadas*, citando o *fanadu*.

Um entrevistado disse que os primeiros homens Pepelis eram Ndjirapa Có e Kinampla Có, irmãos que chegaram ao porto de Pindinguite em Bissau, e foram para região de Biombo. *Kinampla Có* o irmão mais novo que ficou no Reino de Tor, e o irmão mais Velho *Ndjirapa Có* passou para Biombo. Esses dois homens são conhecidos por Pepelis como sendo fundadores, ou seja, os primeiros homens Pepelis. Vamos ver o que Jofraca diz a respeito desses primeiros homens.

Segundo a explicação dos homens mais velhos, os primeiros homens da etnia Pepel são: kinampla Có de Reino Tor, Ndjirapa Có de Biombo, eles são irmãos, chegaram em Bissau de canoa, e foram para Reino Tor e Biombo, o irmão mais novo ficou no Reino-Tor e o mais velho foi para Biombo. A palavra Guine Bissau vem da etnia Pepel. Quando chegaram os portugueses na Guiné-Bissau e encontraram as mulheres no porto de Bissau e perguntaram como se chama este lugar e elas não perceberam a pergunta e disseram *n, gui on n,sau*, significa eu sou Pepel na língua Pepel, e logo os portugueses perceberam que elas queriam dizer aqui é Guiné-Bissau, e de lá que os portugueses escreveram Guiné-Bissau, assim que surgiu o nome Guine Bissau. Segundo a explicação de (Jofraca, 15/06/2015).

Um outro entrevistado tem outro olhar sobre a origem de etnia Pepel, este entrevistado fez questionário, será que os mais velhos disseram que os Pepelis são de origem de etnia Biafada, isso é verdade? Será que têm aparência linguística? Este interlocutor tem um outro olhar, preocupando-se mais com a questão científica. Segundo ele, existem poucas literaturas que vão apontar para a origem dos Pepelis. Mas

tem a opinião de que eles deviam ter vindo de imigração do Império do Mali, como vemos abaixo.

Sobre a origem da etnia *Pepel*, existem poucas literaturas que vão apontar de onde, de que lugar e parte do continente africano ou do mundo que vai dizer a proveniência, ou suas origens. Porque antes da chegada dos portugueses na Guiné-Bissau, já tinham existido os Pepelis no território Guineense. Como também etnia Balanta, Biafada, Mandinga e outros grupos étnicos. Já estavam presentes no território. Mas só que podemos perceber que a etnia mandinga não é etnia presente nativo no território, é etnia que chegou a Guiné através de invasão, imigração e expansão do Império do Mali que os Mandingas chegaram a Guiné partir dos séculos XIII e XIV mais tarde etnia Fula no século XV justamente no mesmo período que os portugueses chegaram Guiné na região Sene Gâmbia. Agora na história oral, não história escrita com H maiúscula, não é história no ponto de vista da ciência, é a história que nós ouvimos oralmente nas tabancas, (aldeias) do que os Pepelis são uma parte de etnia Biafadas. Portanto, no caso a origem de etnia Pepel está na etnia Biafada. Então uma questão, na região onde estão localizados os Pepelis desde capital Bissau até região de Biombo inteiro, Safim, Prabis Bigimita nesta região geográfica se tem a ver com a presença de mandigas a parte do Séculos XIII? A partir de conflitos que os Mandigas travaram com os Pepelis, a partir dos povos que vivem na costeira. Se isso que levou os Pepelis migraram para aquela zona? É uma pergunta, portanto merece muitas pesquisas para dar a respostas, não só para afirmar. No livro de um dos livros de Carlos Lopes de trajetória da Guiné fala que, provavelmente a origem dos Pepelis. Este livro devia falar que os Pepelis têm vindos de povos sapiens. Uma etnia conhecida como sapiens de Serra Leoa. (Tedjediblo, 31/04/2016).

Vamos conferir o mapa de novo para ver se tem aproximação dos Pepelis e os Biafadas, entre região de Biombo e região de Quinara. Apesar da distância, não tem nada a ver com a questão de origem, mas é uma forma de reflexão encontrar a possível ligação entre estes dois grupos étnicos. Talvez possa ter outra versão de proximidade dos dois.



Depois que conferimos o mapa, vimos que existem distâncias entre estes dois grupos étnicos, além de ter um grande rio no meio deles. Assim também a via terrestre que é mais longa ainda, é muito mais difícil do que a via marítima para ser atravessada. Essa é a dúvida que tivemos sobre a origem dos Pepelis. Uma outra questão foi sobre explicação do motivo pelo qual se originou esta separação entre os Pepelis e os Biafadas. Ninguém sabe o porquê dessa divisão já que eram o mesmo grupo no passado.

O último entrevistado que não pertence à etnia *Pepel*, e que é da etnia *Biafada*, foi incluído nesta pesquisa já que estamos a falar da união ou ligação que os Pepelis tinham com os Biafadas. Assim perguntamos a ele sobre os rituais praticados, e obtivemos a resposta de que os Pepelis têm grande ligação como os *Biafadas* não só na questão de *fanadu*, como também em outros assuntos. Segundo ele, tem um lugar na beira do rio localizado na última parte de Biombo chamado de *Piquil*. Quando os Pepelis fazem a cerimônia lá, os *Biafadas* sabem também em Quinara, se os Pepelis matam uma *limaria* (animal) em sacrifício de cerimônia, o sangue se apresenta lá em Quinara. A mesma coisa, se os Biafadas fazem cerimônias, o sangue se apresenta em Biombo. Ele fala que existem semelhanças e proximidades. Algumas palavras são usadas de forma comum pelos dois grupos étnicos, como na contagem dos números, por exemplo. O número seis tem a mesma pronúncia, os Pepelis dizem *paidje*, para os Biafadas *npadja*. Esta é a versão do entrevistado sobre a ligação que os Pepelis têm com os Biafadas.

Vamos retomar a discussão que tivemos do primeiro capítulo sobre os *Brame*. Lembramos que os *Brames* eram um grupo étnico ao lado dos *Mancanhas*, *Manjacas* e

os Pepelis. Não havia essa divisão antes da chegada dos colonizadores no território Guineense. Então vamos ver o que Mamadu Jao (2003) vai nos dizer sobre origem dos Pepelis.

Em tempos remotos, os antepassados das pessoas que actualmente vivem da Guiné [Bissau] devem ter vindo do Sahara, onde devem ter tido contactos mútuos e partilhado ideias [assim como] ... relações” (Quintino 1969:894). Segundo o mesmo autor, é nesta base que os Mancanha, os Manjaco e os Pepel chamam-se mutuamente de presentes, tal como fazem os Balantas e os Biafadas. (Quintino 1969:873, JAO,2003, p.112-113).

Nesta versão escrita sobre a história da Guiné-Bissau vimos os Pepelis vieram do Sahara, um deserto que está localizado ao norte da África. A partir dessa leitura, pensamos que se os *Pepel* são de origem do *Biafadas*, estes vieram de muito mais longe do que dos Brames. Porque os Brames não tinham divisão, eram uma única etnia. Notamos que quando da chegada dos grupos étnicos no território Guineense, esses chegavam em grupos, o que significa que podia ser em grupo de três ou de duas etnias que formavam um só grupo, como no caso dos Pepelis, *Mancanhas* e os *Manjacas* formando um mesmo grupo, e os *Balanta e Biafadas* outro grupo. Assim, podemos sugerir que é mais fácil os *Biafadas* terem a ligação com os *Balantas* do que com os Pepelis. Nesta versão não tem a precisão e período da chegada dos grupos. Estes Brames têm a mesma aparência linguística, e alguns práticas comuns na questão de *djorsons*, das heranças e de outras práticas parecidas. Vamos ver também a explicação de Leandro Cardoso, abaixo.

Apesar de não haver uma precisão sobre o período em que povoaram a região, são convergentes as opiniões dos investigadores segundo as quais são populações autóctones, portanto, donos desse território, *dunus di tchon* (criol). Os próprios Manjacos, Mancanhas e Papéis dizem ser donos do chão e que desde sempre os seus antepassados povoaram estas parcelas do território da Guiné. Sobre este aspecto parece não haver qualquer dúvida. (Cardoso, 2003, p.154).

Nesta discussão sobre a propriedade da terra é preciso ter engajamento teórico para poder discutir esse assunto, ou se eu estivesse na Guiné talvez, poderia tentar obter mais fontes precisas para esta discussão. Pode ser que haja uma verdadeira explicação (e, portanto, mais clara) sobre entre estes dois grupos étnicos como falou um *Biafada*, mas este assunto não pode ser concluído de forma satisfatória, ficando aqui apenas o registro de que existem proximidades entre os grupos étnicos. Este ponto é aqui importante pois nos ajuda a pensar sobre a tradição e os rituais selecionados para este TCC.

3.3. Subdivisão dos Pepelis e nas as suas localidades

Existem divisões entre os Pepelis bem como diferentes formas de falar, diferentes sotaques de acordo com cada localidade em que habitam, e também diferentes rituais e cerimônias que praticam. Mesmo assim, eles se entendem um aos outros. Os rituais, culturas, idioma e cerimônias são as mesmas, falam o mesmo *Pepel* (língua) com pouca variação. Nós trazemos esta divisão dos Pepelis para mostrar que não é só dizer os Pepelis, mas sim fazer também referência a uma caracterização de acordo com cada localidade a qual é atribuído o nome.

Como já falamos da situação geográfica de região de Biombo, e citamos os três setores que compõe esta região, falaremos agora das *secções, tabancas e moransas* e Bissau, esta última a capital de Guiné-Bissau. Essas são secções habitadas majoritariamente por Pepelis. De acordo com os entrevistados, cada setor pode ter um grupo de *Pepel* ou dois grupos que está num só sector. São atribuídos estes nomes: *Pepel* de Biombo, *Pepel* de Reino de Tor, *Pepel* de Bigimita, *Pepel*, de Safim, *Pepel* de Bissau, *Pepel* de Prabis e *Pepel* de Quiset, *Pepel* de Bissau. Estes nomes são nomes de locais de região de Biombo, e da capital de Bissau e compõem os Pepelis. Um dos entrevistados disse que o nome tem a ver com a história de cada lugar, como por exemplo *Safim* tem a ver com um dos sete *djorsons* dos Pepelis. Safim significa *djorson* de *Basafim Té*, e são eles os que chegaram primeiro lá (segundo uma versão da história). Assim também os outros nomes podem ter significados próprios.

Dentro dos Pepelis existem subdivisões, terminologia da palavra *Pepel*. *Pepel* Safim, Prabis, Bigimita, Reino Tor, quiset, Bissau, tudo tem a ver com a localização geográfica. Embora existam nome *Pepel*, mas dentro deste termo *Pepel* existem categorias ligadas a cada localidade geográfica de cada grupo social pertencente desta etnia que está habitado e atribuído o nome à relação ao lugar. O termo de cada lugar o que significa este lugar, aí vai ser outra pergunta, termo Safim está ligado a termo de *djorson* de Ba Safim Te, são eles que habitavam primeiro em Safim e criar um exército de imaginação. Para procurar origem de nome de cada localidade de cada grupo de Pepelis já vai ser outra pesquisa. Não é por acaso o nome de cada localidade é dado, mas sim tem o significado, não foi criado atoa, mas sim tem o objetivo sociológico. (Tedjediblo, 31/2016).

Para Yeque, há diferentes formas de falar de acordo com cada localidade, ou seja, “cada Pepelis tem o jeito de falar, cada localidade fala do seu jeito. Os Pepelis têm a mesma forma de fazer cerimônias, os mesmos rituais, a mesma tradição com poucas

diferenças” (Yeque, 23/03/2015). Esta explicação que ele disse sobre a classificação dos Pepelis foi repetida por outros entrevistados. Assim, a divisão dos Pepelis tem a ver com a questão geográfica. Podemos ver isso também nos outros países como aqui no Brasil existem diferentes pronúncias de português. Mesmo em Portugal existem portugueses diferentes, a França tem franceses diferentes, mas a língua é a mesma. Tudo tem a ver com a questão geográfica, cada lugar fala do seu jeito.

Assim também ocorre com os rituais. As cerimônias e rituais são os mesmos, mas as práticas diferentes. Então o *fanadu* e o casamento são diferentes, já que cada localidade realiza de sua forma. Como por exemplo, todos os Pepelis realizam o *fanadu* e o casamento. Se é *toka tchuor* todos eles fazem *toka tchuor*. Para a herança é mesma coisa, tudo eles herdam. Só as práticas e formas de fazer é que são diferentes segundo os entrevistados.

3.4. Fases dos Pepelis

Nesta pesquisa é importante falar das fases dos Pepelis já que tem implicações no *fanadu* e na importância deste ritual para a vida de um homem Pepel. Ninguém faz tudo de uma vez, mas tem que passar por etapas, processo por processo, idade por idade. Para este trabalho, destacamos a fase que dá acesso a ser integrado à sociedade *Pepel*, pois é para esse objetivo que o homem Pepel passa pelo *fanadu* e depois pelo casamento: para se purificar em termos da tradição e assim cumprir os rituais. Van Gennep nos ajuda a entender melhor essas fases como acessos à comunidade, no parágrafo abaixo:

A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem, para os nossos ofícios, a aprendizagem, e que entre os semicivilizados consistem em cerimônia, porque entre eles nenhum ato é absolutamente independente do sagrado. Toda alteração na situação de um indivíduo implica aí ações e a reação entre o profano e o sagrado, ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou danos. É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe especialização de ocupação, morte. A cada um desses conjuntos

acham-se relacionadas cerimônias cujo objeto é idêntico, fazer passar um indivíduo de uma situação determinada a outra situação igualmente determinada (GENNEP, 2013, p.24).

Podemos ver aqui que não é só a trajetória de fases, mas sim da responsabilidade de integrar por parte da pessoa. Espera-se que a pessoa tenha um título na comunidade, assim quando a pessoa passar nesse processo já tem outro caráter, outra “categoria”. Quem já foi/participou do *fanadu* é diferente daquele que não foi; quem é casado é diferente de quem não casou. As fases são trajetórias de vida. Vamos ver o que os entrevistados vão dizer sobre as fases, se isso tem a ver com a questão de *fanadu* ou casamento, ou se são só etapas. Nessas fases vamos ver as mulheres e os homens e como as fases correspondem a esta divisão de gênero (claro, da perspectiva dos homens, já que não entrevistamos mulheres).

Para Yeque, existem fases no processo de aprendizagem, desde a idade da infância até ficar velho e morrer. Todas essas fases são marcadas por ritos.

Para os homens, as categorias utilizadas são:

Niafra: criança de 9,12 até 15 anos de idade que pastora as vacas e cabras do pai ou vizinhos nas natas.

Nlufo: jovem que não foi ainda ao *fanadu*; faz tudo que ele quer porque ninguém cobra nada dele. Ele é considerado *blufu*, pois não foi ao *fanadu* e não sabe da educação, não é civilizado, não é purificado.

Nleque: aquele que sai do *fanadu* ou que acaba de sair do *fanadu* e está com tanto vestuário considerado belo, ou seja, com roupas novas de um homem bem civilizado e educado.

Nshala: aquele já foi ao *fanadu* e está no processo para entrar no casamento, ou seja, está se preparando para casar.

Nhir: homem que está na altura de homem, ou seja, apto e é casado. É uma pessoa de responsabilidade, de caráter, chefe da família.

Nhir neck: homem grande; homem velho que está na altura de herdar ou já herdou.

Minr mers: dono da casa, dono da *moransa*; pessoa que fez a *herança*, que tem a responsabilidade da *moransa*. Pode ser pai ou avô de todas as pessoas que pertencem àquela *moransa*.

Nlint: régulo (rei); rei de todos e todas as *moransas* e *tabancas*. Não se trata de rei de todos os Pepelis, mas sim as cadás Pepelis tem os seus régulos. Por exemplo os de biombo, Reino de Tor, Bigimita, Sifim, Prabis, Bissau, quiset cada deles de seu régulo.

Para as mulheres, as terminologias que foram encontradas a partir da perspectiva dos homens são¹¹:

Npili antick: criança ou uma menininha,

Npor npi: adolescente

Npili: jovem

Negne: noiva que acaba de casar, recém-casada; também é usada caso um homem tenha mais de uma mulher, a última casada vai ser *negne* do marido e da primeira casada.

Nhar: mulher casada de respeito e responsabilidade da família.

Nhar nek: mulher de idade avançada, mulher velha, que cuida e dá orientação da *moransa*, da família. Ela é chamada para qualquer cerimônia para dar a orientação; a mesma coisa nos partos, é ela quem dá socorro e cura a partir do medicamento tradicional.

Para as mulheres, o ritual é só o casamento. Mas às vezes, elas fazem outros rituais que são impostos/esperados que façam e que estão relacionados aos ciclos, como por exemplo *roniar irã*, *ser bopene*. Trata-se de rituais que também podem ser exigidos dos homens. Esses rituais são pegos pelas famílias que já morreram da *djorson*. Aí a família tem que realizar esse ritual. Vejamos uma citação de um entrevistado, sobre essas rituais.

É preciso ter a base teórica, de ter explicação, estamos levando as pessoas no 'achismo' ou na imaginação que a ciência nega. Primeiro, tem a ver com o *fanadu* (se a pessoa é do sexo masculino), segundo o casamento e terceiro é a herança. Se um homem Pepel não herdar, significa que ele não completou o seu ciclo da trajetória de vida, falta ainda algo que ele não fez ainda. Quando ele morrer tudo vai ser declarado no *bombolom*, lendo a sua biografia através de *bombolom* de que ele não herdou ou ele herdou. Quem vai tocar *bombolom* vai saber tudo sobre a história deste homem que morreu, para depois ele dizer tudo no *bombolom* que esta pessoa atingiu o seu ciclo completo de trajetória de vida ou não completou a sua trajetória. Se ele casou ou não. Ele nasceu na tal *tabanca*, os pais são de tal *tabanca*. Essas são as fases de ciclo dos Pepelis: *Fanadu*, casamento e herança para os homens. Mas herança não possui um rito obrigatório, não é publicamente ritualizado como nos outros dois momentos de passagem. Tão visto assim. Para as mulheres, o ritual de relevância é só o casamento, embora às vezes tem outros como o *ronia irã*, não é obrigatório. Quando essa mulher morrer, o *bombolom* vai dizer tudo sobre ela, se é casada ou não, casou com quem, ela fez isso e isso. Quem entende a linguagem de *bombolom* vai perceber tudo o que

¹¹ Notar que não foram entrevistadas mulheres para esta pesquisa. Assim, pode ser que haja mudança nos termos descritos caso a metodologia considerasse entrevista a mulheres Pepel.

bombolom diz. *Bombolom* é um instrumento feito de madeira, serve para o meio de comunicação dos Pepelis, embora quase a maioria dos grupos étnicos da Guiné-Bissau utilize o *bombolom* como meio de comunicação. É tipo uma rádio emissora, quando as aldeias têm as distâncias uma as outras, basta a pessoa ouvir o *bombolom* tocar já saber o que está tratando ou que está a acontecer na tal aldeia. Se morreu alguém, ou se uma coisa aconteceu de desgosto na outra *tabanca* (aldeia) eles sabem e entendem a linguagem de *bombolom*. As outras aldeias vão saber que uma coisa aconteceu na tal *tabanca* atrás da linguagem de *bombolom* (Tedjediblo, 31/04/2016).

3.5. *Djorson* ou *clã* dos *Pepel*

Em primeiro lugar, vou tentar explicar o que é *djorson* termo em crioulo. Em *Pepel*, diz-se *quinha* e em português “clã”. Para os entrevistados, uma *djorson* refere-se a grupos de pessoas que têm a mesma linhagem, o mesmo parentesco e as mesmas práticas que receberam dos seus ancestrais. Pode ser que uma pessoa não pertença a uma mesma família, mas pertence a uma descendência comum de grupo sanguíneo. Ou pode ter um símbolo igual ou uma palavra ou apelidos (sobrenome) que identifica a pessoa a esta união comum. Veremos que, nos *Pepelis*, o *djorson* é o que faz dos seus membros terem algo em comum, constante desde os ancestrais até a data presente. Nestes *djorsons* as pessoas podem até nunca se conhecerem, mas sabem que são da mesma *djorson*, e se percebem como famílias que pertencem à mesma *djorson*. Esta é a noção que percebo sobre o que é uma *djorson*, a partir da minha própria experiência e de acordo com os entrevistados.

Para os entrevistados, a *djorson* é mais forte do que os laços da família de sangue, porque na *djorson* a pessoa pode herdar a fortuna da sua *djorson*, mas não pode herdar fortuna do seu irmão ou do seu pai. Também nesta *djorson* a que pertence é onde um *Pepel* deve ir ao *fanadu*. A barrada de *fanadu* pertence à sua *djorson*. O casamento também é definido pela *djorson* a quem pertence, para que não haver problema no futuro. Tudo se faz através da *djorson*. Como já vimos no primeiro capítulo, para as mulheres a questão de *djorson* é importante já que os filhos sempre pertencem a elas. Segundo os entrevistados, a maioria homens, é através destes *djorsons* que a pessoa vai pertencer a um apelido, pois cada *djorson* tem o seu apelido. Então para pertencer a um apelido, os pais devem ser casados para que os filhos possam também pertencer e herdar

esse apelido de *djorson*. Para os Pepelis, existem sete *djorsons*, e tem também os *sub-djorsons*. Sobre isso, *Jofraca* comenta:

Os Pepelis têm sete *Djorsons*, são: Bosassu (Djagra) em crioulo, Bodjucumo, Bosso, Boiga, Botat, Bossuru e Bossafim Té. Cada um destes *Djorsons* pertence a um apelido. Como por exemplo: Bosassu pertence o apelido (sobrenome) Cá ou Nanque, Bodjucumo Ié, Boiga Sá, Bosso Có ou Correia, Bossuro Djú, Safim Té e Botat Indi. Nestes sete *djorsons*, só tem um deles que tem direito legítimo ao poder, de ser régulo (rei), é dentro *djorson* de *Bossasu*. *Bossasu* que tem direito legítimo de ser regulo. Mas têm outras heranças para ser chefiar as tabancas (aldeias). Essas heranças são para chefiar *mers* (*moransas*) e aldeia. Essas heranças servem para todas *Djorson*. Cada *djorson* pertence a uma herança de um *mers* (*moransa*), cada família da *djorson* tem *mers* específico para herdar. Nesta herança tem procedimentos que eles têm que cumprir. Ninguém pode levantar hoje para ir herdar, mas sim tem processo, leis, pertenças, norma para cumprir e depois para poder herdar, antes de herdar eles costumam auscultar os *djambacoses* e os ancestrais [para saber] se podem herdar ou não. (*Jofraca* 15/06/2015).

Tocamos mais uma vez no primeiro capítulo deste trabalho na questão de herança e a sua importância. Aqui outra versão sobre as *djorsons*, de outro entrevistado:

Djorson dos Pepelis são sete: Botat têm apelido ou sobrenome Indi, Boiga sobrenome Sá, Bochuro sobrenome Djú, Bodjukumo Ié, Boçasso Djagra em (crioulo) apelido Ca, Bossafim apelido Té e Bosso apelido de Có. Entre esses sete *djorsons* têm uma subdivisão entre si, menos Basso e Bassafim Té. Entre esses *djorson*, só Boçasso que tem direito ao poder de ser um *nli* (régulo). Quando [se] fala do poder é falar da herança para ser régulo, ou seja, um *nlin* (rei). Mas não são todos Boçasso que têm direito de herdar, de ser régulo. Mas sim tem certos Boçasso que têm direito ao poder de ser régulo. Mas entre outros *Djorsons* têm direito de herdar outras *tabancas* (aldeias). Cada *tabanca* tem sua pertença de herança. Esses são divisões de Boçasso: Boçasso pir, Boçasso quita, Boçasso de Kyondul. Bodjucumo: Badjukumo kyol, kindinnkil e orento. Assim também os outro podem ter essa divisão. O filho pertence a apelido da mãe, as vezes a apelidos são secreto, para os Pepelis. Não qualquer jeito que a pessoa conta ou revela o seu apelido ou a sua identifica a quem nunca lhe conhece, se a pessoa contar seu apelido a qualquer outra pessoa, essa pessoa pode até fazer mal a ele através de fictício. Um homem velho Pepel, basta a pessoa contar o seu apelido, que *tabanca* ela é, esse homem velho vai se contar tudo da sua origem, quem são seus pais, avós, antepassado e tudo ele vai dizer a você. Para os Pepelis, a identidades não se apresenta de qualquer maneira, identidades são secretos perante a sociedade deles, segredo é força de se segurar a da identidade na vida pessoal.

Notamos que existe autonomia em cada *djorson* deste grupo étnico. Ou seja, as decisões são sempre legítimas ao serem colocadas por uma *djorson*. Também no que se

refere à questão de direitos, deveres e pertencimento. Entre os Pepelis, tudo é separado e dividido. Nos próprios Pepelis e em como se organizam localmente, no território, nas *djorsons*, e o *fanadu* e casamento é o que dá acesso a esta pertença. O apelido pertence às mães, por isso a importância das mulheres nessa sociedade. Esse apelido é mantido em segredo, já que não é revelado a outras pessoas e principalmente aos “mais velhos”, os que já têm idade elevada. É a partir desse sobrenome que se descobre quem você é, quem é a sua família, o seu *djorson*, os seus ancestrais. E isso é uma questão de privacidade.

Vamos agora tratar do foco principal do nosso trabalho, o *fanadu* e o casamento. Vamos apresentar o *fanadu* e a sua importância para os Pepelis. O *fanadu* é o principal ritual que dá acesso a outros rituais na etnia Pepel, no caso, para os homens. O *fanadu* é muito importante na etnia Pepel, embora também seja comum à maioria dos grupos étnicos da Guiné-Bissau. Cada grupo étnico Guineense tem a seu jeito de realizar esse ritual. Entre os Pepelis existem formas diferentes de proceder a esse momento de passagem, como veremos a seguir.

3.6. *Fanadu*

Agora que o nosso foco principal do trabalho, depois de darmos toda vira volta, chegamos onde queríamos chegar, o famoso *fanadu*, para falar dos Pepelis não pode deixar de *fanadu*. Então vamos procurar a definição do *fanadu* para os Pepelis, e não só Pepelis, mas sim em toda sociedade guineense usam esta palavra. Então afinal o que é *fanadu*.

O *fanadu*, segundo os entrevistados, é um ritual de passagem que consiste na circuncisão masculina que se faz em um lugar isolado, dentre os Pepel, embora também possa ser realizado em um hospital. Com esse ritual, a pessoa passa a ter direito a integrar a sociedade *Pepel*, bem como a sociedade Guineense. Trata-se de um ritual de iniciação tradicional que se realiza em um local onde ninguém pode entrar sem autorização. Segundo as falas dos entrevistados, ele também dá acesso ao casamento. Vamos ver com Van Gennep (2013), ao tratar do ritual da iniciação, que “os ritos de iniciação, conforme o termo indica, são também os mais importantes porque asseguram a presença ou a participação definitiva nas cerimônias das fraternidades e dos mistérios”, (GENNEP, 2013, p.150). O autor mostra claramente de que não se trata só

de iniciar, mas principalmente da participação definitiva dentro de uma comunidade. A partir dele, a pessoa passa ser vista diferente, como civilizada, respeitosa e pode participar em qualquer outra cerimônia importante. Van Gennep ainda afirma que não se trata só de fazer mutilação, mas sim de fazer a diferenciação dentro da comunidade, através dos atos da pessoa, do comportamento vestuário, da postura e a própria mudança de vida. Vemos que *fanadu* tem essas características apontadas pelo autor.

As mutilações são um meio de diferenciação definitiva. Outras há, porém, como o uso de um vestuário especial ou de uma máscara, ou ainda as pinturas do corpo (sobretudo com minerais coloridos) que marcam uma diferenciação temporária. São estas que vêm desempenhar considerável papel nos ritos de passagem porque se repetem a cada mudança na vida indivíduo (GENNEP, 2013, p.78).

Agora vamos ver as falas dos entrevistados sobre o que é *fanadu*. Para Gobetoco, o ritual torna a pessoa purificada no sagrado. Isso pode ser relacionado com o que Durkheim (1996) afirma: “as coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras” DURKHEIM, 1996, p.24). Para Van Gennep “o sagrado de fato, não é um valor absoluto, mas um valor que indica situações respectivas” (GENNEP, 2013, p.31). Trazemos esse conceito para mostrar o que é sagrado, para estes dois autores, está relacionando com o *fanadu*.

Fanadu representa o respeito na comunidade dos Pepelis, nas famílias. Representa as fases de mudança, ou, seja é um ritual de passagem, não só na etnia Pepel, mas sim em todas as etnias de Guiné Bissau. O *fanadu* é a cerimônia mais sagrada na etnia Pepel. Coisas que a pessoa fazia antes de ir o *fanadu*, após o *fanadu*, deixa essas práticas e as considera como um mau comportamento. Ele passa a praticar o bom comportamento perante a sociedade Pepel. Quando sai do *fanadu* vai começar a nova vida. Através do *fanadu* que vai poder casar, herdar e realizar outras cerimônias (Gobetoco, 17/07/2015).

Enquanto para Yeque, o *fanadu* está ligado ao *blufu*. O que é *blufu*?

O Pleke ou *fanadu* é o ritual mais sagrado na etnia Pepel e representa como o ritual de passagem de uma fase para outra fase. Quem ainda não foi ao *fanadu* é chamado *N,lufu*, em Pepel, e em crioulo *Blufu*. Esse *blufu* é como se fosse um inocente, não educado, não civilizado. As práticas que esse *blufu* praticava ou as coisas erradas que ela fazia de maus comportamentos antes de ir o *fanadu* são considerados inocentes. Porque ele ainda não sabe o que é bom e mau, ele não é civilizado, não recebeu a educação, e não foi consagrado para ser civilizado. Pode-se dizer, de outro modo, que essa pessoa é como se fosse menor de idade. Quando ele for ao *fanadu* já é um adulto, de

maior idade, ele vai mudar os maus comportamentos e a mal educação que ele tinha para os bons comportamento e bons atos. Vai fazer as coisas boas perante essa sociedade, porque ele já tem outra visão, ele já foi educado e civilizado durante o tempo que ele esteve na barraca de *fanadu*. No *fanadu* a pessoa recebe o conselho, a educação, o respeito ao outro, e como pode lidar com a sociedade. No *fanadu* eles são ensinados a falar, ou seja, a comunicar com gestos, sinais, provérbios. Para quem não foi ao *fanadu* não vai poder perceber nada que eles estão falando ou fazendo, ou seja, as linguagens gestuais. O *fanadu* abre as portas para outros rituais cerimoniais, quando o Pepel foi o *fanadu* logo que vai poder ter o casamento e fazer outras cerimônias sagradas. É o pai que decide se os filhos vão ao *fanadu*. Quando a pessoa chegar ao momento ou idade de ir *fanadu*, tem que ir trabalhar muito para conseguir comprar as suas roupas e sua alimentação para sustentar a sua estadia durante o tempo que ele vai fazer na barraca de *fanadu*. Essa pessoa vai comprar as roupas para quando ele sair do *fanadu* para poder vestir essas roupas novas. Vai vestir bonito, perfumar o corpo, tudo de charme. Mas agora não se verifica se a pessoa vai trabalhar para comprar as suas coisas de *fanadu*. Porque muitos vão ao *fanadu* tão cedo de idade de crianças, os pais e família próximo que têm que custear, comprar as coisas tanto as roupas como a alimentação. (Yeque, 23/03/2015).

Jofraca vai dar a sua opinião do *fanadu*. Segundo ele, antigamente as pessoas iam ao *fanadu* na idade de jovem a partir de 18 anos de idade para frente. Mas agora não se verifica isso, as pessoas vão para o *fanadu* muito crianças. Apesar de não ter idade determinada para integrar esse ritual. Ele ainda confirma o que já dissemos, sobre o lugar do *fanadu* ser sempre isolado, ou seja, ninguém pode entrar se não tiver feito ainda o *fanadu*. Mesmo que já tenha feito, precisa de autorização das pessoas da barraca de *fanadu*. O *fanadu* tem a ver com o sagrado, a purificação do indivíduo dentro de um círculo.

Fanadu é a cerimônia mais sagrada na etnia papel, é um rito de passagem de uma fase para outra fase, é como se fosse um batismo, as coisas erradas que a pessoa fazia antes de ir ao *fanadu*, quando for ao *fanadu* vai deixar essas práticas de maus atos para praticar bons atos, boas coisas que vai agradar está sociedade. Antigamente, para ir ao *fanadu* tinha que ser maduro e atingir a idade de 18 anos para frente que a pessoa, podiam ir *fanadu*, tinham que trabalhar muito, comprar arroz, roupas, alimentos e outras coisas necessárias, para garantir a sua estadia na barraca ou quando saísse do *fanadu* para poder usar as suas roupas. Mas agora não se verifica esse ir trabalhar, as crianças vão o *fanadu* tão crianças. Quem decide a sua ida do *fanadu* é o pai, ou os tios, se o pai não está o tio (irmãos do pai) que vão decidir se vai ou não ao *fanadu*. Esse ritual acontece num lugar bem isolado no mato onde ninguém pode ver os *fanadus*, e ninguém pode ir lá, só os que já foram o *fanadu* ou os que vai ir o *fanadu* que podem entrar neste lugar. Se a pessoa que nunca foi ao *fanadu* for lá sem autorização e cumprimento do ritual pode morrer. E ninguém pode ver os *fanadus*, só os já foram ou os que vão ir que pode entrar na barraca de *fanadu*. La

na barraca de *fanadu* os que já foram e os mais velhos, sábios, conhecedores de rituais e matéria de *fanadu* vão dar educação, conselhos, ensinamentos e muitas coisas durante os tempos que eles vão fazer lá. Os tempos de duração de *fanadu*, depende de cada Pepelis ou cada localidade: Biombo tem 12 dias, Reino Tor tem 30 dias e outros Pepelis tem 2 a 3 meses. Cada Pepelis têm as suas formas de fazer rituais de *fanadu* e diferença na consagração e dias de estadia na barraca. Para outros Pepelis pode ver os *fanadus* e pode entrar na barraca sem ir o *fanadu* não vai morrer. Esse sagrado de morrer acontece entre os Pepelis de Biombo de Reino Tor (Jofraca, 15/06/2015).

Para Tedjediblo, o *fanadu* é o rito de iniciação, ou seja, circuncisão masculina de passagem da pessoa de uma fase para outra. Não é só fazer circuncisão, mas sim é um momento sagrado de fazer a pessoa aprender a lidar com outro; é uma aula de educação moral e purificação no sagrado que a pessoa recebe durante o período que ele vai estar no *fanadu*. Para ele, quem fez o *fanadu* de hospital não é homem, não é considerado como quem foi ao *fanadu* de barraca, porque não recebeu o sacramento e a purificação de ser homem para integrar a sociedade *Pepel*. Emile Durkheim vai nos mostrar como uma iniciação se procede. Para Durkheim (1996), a iniciação é um longo processo ou etapa de realização de cerimônias, que tem como foco induzir um jovem à vida religiosa (DURKHEIM, 1996). É o local onde o jovem vai entrar no mundo de purificação do profano e sagrado e deixar a sua primeira infância para entrar na esfera das práticas de isolamento do sagrado. Apesar o autor falar de religião, nos ajudou a entender que a iniciação é um processo de etapas e fases que separa o profano e o sagrado. O *fanadu* tem esta característica: separa a pessoa profana e a conduz ao sagrado.

Já tínhamos dito no primeiro capítulo que a religião é um pilar da etnia *Pepel*, ou seja, tudo o que eles fazem tem a religião como base. Por isso que essa iniciação separa as pessoas do profano e sagrado. Vamos ver o que Tedjediblo vai dizer sobre o *fanadu*.

Fanadu é a circuncisão masculina e um rito de iniciação e de passagem de uma fase para outra fase, para tornar a pessoa, homem. Quando a pessoa não for o *fanadu* ele ainda não é homem, mesmo que tenha cinquenta anos, ainda não é homem. Isso porque faltou alguma coisa da vida que ele tem que aprender, conhecer através dos mais velhos e a consagração para poder ser homem na forma de conviver naquela sociedade. O *fanadu* de hospital ou circuncisão no hospital, não é considerado a mesma coisa de quem foi o *fanadu* de barraca; só quem for ao *fanadu* de barraca no mato que vai ser considerado que foi. O *fanadu* não se limita só à mutilação genital masculina, mas sim, vai aprender a viver como ser homem. Então o *fanadu* é tornar a pessoa a ser homem. Homem não só pela idade, mas sim o aprendizado de ser homem pelo conhecimento e o saber ser homem

dos conhecimentos. Os mais velhos que vão transmitir os conhecimentos de vida como lidar com a sociedade, saber muitos segredos que estão vinculados dentro daquele mundo do *fanadu* e também o mundo de ser homem. Os ensinamentos que a pessoa adquiriu não podem ser revelados ou não se repassam a outra pessoa que ainda não foi o *fanadu*. Este segredo não se revela. Só se revela com as pessoas que já foram ao *fanadu*, que pode ser falado entre eles, porque estas pessoas estão no mundo de subjetividades, mundo de si, que não pode contar a outra pessoa. Se revelar a outra pessoa que não frequentou esse espaço ele vai morrer, porque revelou para as pessoas que não foram ao *fanadu* (Tedjediblo, 31/04/2016).

Para Covapin, outro entrevistado, o *fanadu* é o momento em que a pessoa chega a um período ou a uma maturidade de receber os conselhos, sacramentos, purificação dos mais velhos, para poder se integrar dentro das suas sociedades. *Fanadu* serve como uma educação ou ensinamento como lidar com outras pessoas ou outras sociedades fora da comunidade dos Pepelis. Não é só ser purificado ou consagrado, mas sim educado. Ela é ensinada a lidar com os mais velhos, os mais novos, a saber respeitar tudo mundo. O ritual também dá acesso as outras cerimônias e rituais. Esse entrevistado também fala sobre como se organiza esse ritual de acordo com cada grupo dos Pepelis. Entres os de Biombo e de Reino de Tor existem semelhanças em termos de ritos e práticas de *fanadu*. Quem foi a esse ritual vai ter acesso ao casamento e a outras cerimônias sagradas.

Para quem foi a esse ritual, fica marcado e pode se sentir ofendido ao ser chamado de *blufu*. Um *blufu* é quem não foi o *fanadu* e não tem minimamente educação, que não é educado ou civilizado. Por isso não se aventura dizer a um *Pepel* que já foi ao *fanadu* que é *blufu*, pois pode ser agredido por quem assim o definiu. Esta palavra é uma expressão feia, é uma má palavra na etnia *Pepel* bem como para quase toda a sociedade Guineense.

Fanadu é o momento em que um *Pepel* chega a uma maturidade para receber o sacramento e os conselhos dos mais velhos; é a purificação de iniciar no ritual de passagem para outra fase. As coisas que as pessoas faziam antes de ir ao *fanadu*, quando forem, deixam de fazer as más práticas que faziam antes, pois passam por práticas novas, bons atos, bons comportamentos. Como por exemplo furtos, desobediência, estupidez, malcriação, não respeitar as pessoas. Quando esta pessoa for ao *fanadu*, ele já é um adulto de conhecimento, sai bem-educado, com ensinamentos para respeitar todas pessoas, saber lidar com os mais velhos e os mais novos. Os maus atos que um *Pepel* fazia antes de ter ido *fanadu*, não é culpado por esses atos, porque ele era um *blufu* ainda, não havia ainda ido o *fanadu*, não havia sido iniciado, era inocente dos atos praticados. O *fanadu* se faz na terra por terra, cada

Pepel ou localidade dos Pepelis se fazem o *fanadu* diferentes dos outros. Tipo localidade em localidade, anos por anos, por exemplo, se o Pepelis de Reino Tor realizar o *fanadu* este ano, vai demorar dois a cinco anos para os Pepelis de Biombo realizar. Existe uma troca, quando um realiza uma vez deixa o outro realizar na próxima vez. Mas isso só acontece entre os Pepel de Biombo e de Pepel Reino Tor. Enquanto os outros Pepelis não têm essa troca cada qual realiza o ritual no período que ele quer, mas sem esquecer que eles dão as pausas de anos, pode ser 2 a 6 anos, dependendo do tempo que eles deixam no meio. Eles deixam estes anos para que os blufus possam crescer. Ninguém vai o *fanadu* porque quer ou pode ir, mas sim existem leis, regras, lugar às quais ela pertencente ir. Cada membro da família ou da *djorson* tem lugar específico onde ele pertence e deve ir ao *fanadu*, em que barraca específica ele poder ir. Exemplo, pertencço a tal *djorson* e devo ir ao *fanadu* a tal local, tal *tabanca*, e fazer tais cerimônias antes de ir *fanadu*. Porque tem consequência, se a pessoa não cumprir essas regras pode até morrer no *fanadu*, por isso a família que decide se a pessoa vai ou não. Na barraca de *fanadu* ninguém vai lá, e nem pode ver os *fanadus*, só os que já foram o *fanadu* que podem ver e entrar na barraca de *fanadu*, mesmo que a pessoa já tiver ido ao *fanadu* não pode entrar na barraca sem a autorização dos *viciadores*, isso só acontece entre Pepel de Biombo de Reino de Tor. Para os outros, as pessoas podem ver os *fanadu* antes das suas saídas. Os *fanadus* ficam lá no mato isolado onde ninguém vai poder lhes ver, e também ninguém sai na barraca *fanadu*, ou seja, os *fanadus* não podem sair fora de barraca antes da data estipulada das suas saídas. Se um *fanadu* sair para casa antes do dia da saída, ele vai morrer. Quem vir os *fanadus* novos antes da saída ou entrar na barraca de *fanadu* vai morrer, a não ser os que já foram podem vê-los com a autorização do responsável da barraca. Sem esquecer que essas regras de não poder ver os *fanadus* não são em todos Pepelis, mas sim em certos Pepelis. Só quando for o *fanadu* que vai poder se casar, se não foi o *fanadu* não vai poder casar, porque não sabe nada de lidar com a mulher, não tem maturidade de casar, ainda falta algo atrás que não foi cumprido que dá acesso ao casamento. Esta pessoa é blufu. Um blufu não tem nenhuma educação, nem conselho e nem purificação, não vai saber cuidar e nem saber como lidar com a sua esposa. Se esta pessoa casar sem ir o *fanadu*, vai ter algumas cerimônias que ele não vai poder fazer até quando for o *fanadu* é que vai poder fazer a cerimônia não tinha feito. (Covapin, 25/03/2015).

Vamos agora ver outra explicação, a do Coguto, onde ele fala mais na questão da impotência do *fanadu* porque é importante na sociedade *Pepel*. Para ele, o *fanadu* é como se fosse uma escola tradicional dos Pepelis. A tradição para J. Vansina pode ser definida “como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra” (Vansina, 2010, p. 157). Podemos perceber que certas práticas são repassadas desde os antepassados e continua até a nossa geração, é uma pratica tradicional. Vamos ver o que Coguto fala sobre a importância do *fanadu*.

O *fanadu* também é um outro procedimento semelhante ao casamento, mas ele é muito mais sagrado, e que não inclui as meninas, é só para os meninos. Ele é considerado como a melhor escola de aprendizagem de conhecimento tradicional da etnia Pepel, porque lá é que se ensina como se relacionar com a sociedade, os diferentes níveis. É a primeira fase da juventude da etnia Pepel para se integrar as linhas dos rituais tradicionais desta etnia, por partes dos meninos. Mas esses modos de ensinamentos são os jogos de sinais visuais, transmitidos pelos mais velhos para os mais novos, daí quando uma pessoa fala contigo, já vai saber o que ela quer dizer através dos sinais. Por isso esse ritual de *fanadu* é muito importante para a nova geração e para os que já fizeram esse ritual, é forma de educar e transmitir a mensagem de uma forma oral e de sinais visuais. (Coguto 25/03/2015).

Esses são o que podemos entender sobre o *fanadu*, tem o lugar, período datas a ser realizado, também tem limitação entre um *fanadu* e um *blufu*. Podemos perceber isso através das falas dos entrevistados, o que um *blufu* faz o quer sem nenhuma interrupção ou crítica e tem também limitação que ele pode fazer e espaço que ele não pode presenciar, o que *fanadu* pode fazer e o que não pode fazer. Tudo está ligado a uma questão moral e de purificação dentro do que se considera como sagrado e que dá acesso aos outros rituais, por exemplo casamento e outros. O *fanadu* torna a pessoa ser homem não pela idade, como falou um dos entrevistados, mas sim em conhecimento, purificação e sacramento. Também o *fanadu* é muito importante para eles e serve como escola de formação e de educação tradicional. A questão do segredo, que não pode ser revelado, fica dentro dos que participaram deste mundo. **O segredo, educação, purificação, sacramento e o saber são foco principal do *fanadu*.** Tudo está nas normas, leis, regras, ordem e ninguém pode fugir das regras. Essa síntese é o que podemos constatar dos entrevistados sobre o *fanadu*. Também vimos as ideias dos autores que nos ajudaram a entender o que ritual, o que é iniciação, tradição e circuncisão.

Agora vamos falar do casamento, como se realiza o processo de casamento, quais procedimentos que tem que cumprir antes de casar. Veremos as falas dos entrevistados sobre o que eles vão narrar sobre a casamento, e também com o apoio de Arnold Vem Gennep para certos conceitos que ajudam a definir melhor essas práticas. Vamos ver que para casar exige vários procedimentos. Esses procedimentos vêm sendo diminuídos a cada dia devido à globalização, mas o ritual permanece sempre presente entre os Pepelis.

3.7. Casamento

Vamos procurar dar um teor mais científico para poder narrar o casamento, buscando conceitos e pontos de vista coletados nas entrevistas feitas a membros da sociedade Pepel que já passaram pelo ritual. Esse ritual exige dos seus participantes certas regras, procedimentos, respeito e educação. O casamento faz com que a pessoa tenha valores de respeito e dignidade face aos que pertencem ao seu grupo étnico. Veremos que existem mudanças nas formas de realização do casamento; o que os antigos ou antepassados faziam não são as mesmas práticas de agora, já que o ritual sofreu constantes mudanças. Vamos ver que Van Gennep diz que “o casamento é um ato propriamente social” (GENNEP, 2013, p. 108). Então para os Pepelis, o casamento serve como um ato propriamente social. Ou seja, para além de formar a família, também está ligado à responsabilidade que a pessoa vai ter, tanto da *tabanca*, como na *djorson* e até na vida pessoal. O casamento é uma etapa de transição de vida. Como já dissemos antes, para chegar nesta etapa de casamento, para os homens, é preciso passar pela etapa de *fanadu*. Segundo Van Gennep:

“Casar-se é passar da sociedade infantil ou adolescente para a sociedade madura, de certo clã para outro, de uma família para outra, e muitas vezes de uma aldeia para outra. Esta separação do indivíduo de certos meios enfraquece estes meios, mas reforça outros. (GENNEP, 2013, p. 112).

Segundo Gobetoco, os tios e tias são os que decidem o casamento do sobrinho ou sobrinha. Os pais e os noivos não têm nada da decisão. Segundo este entrevistado, estas práticas são práticas antigas, mas atualmente isso não se verifica. Disse ainda que, vinho de *cana*, em crioulo, em português cachaça, é primeira coisa que os Pepelis utilizam para pedir casamento. Quando vai pedir casamento tem que levar um litro de vinho de cachaça para a família da menina a quem eles vão pedir o casamento.

O casamento é a cerimônia mais importante na etnia Pepel, que se chama na língua Pepel, *kmar*, em crioulo casamento. As famílias que decidiam o casamento antigamente, mas agora não se verifica. Os noivos, ou seja, cada qual procura quem ele quer casar, só pedem as orientações das famílias para casamento. Quando uma pessoa atinge a idade de casar, ele fala para os pais que quer casar, os pais vão procurar casamento para o filho, ou seja, os pais vão pedir casamento a outra família para o filho. Pode ser na sua família ou da outra família. A família que os pais vão pedir em casamento vai ser a família que eles conhecem muito bem. Que *djorson* ela é. Quem está família, depois saber tudo. Os pais vão com um litro de cana (cachaça)

e uma folha de tabaco para pedir casamento. Primeiro dia é busca do casamento. A família da menina não vai dar a resposta [de imediato], vão analisar também o que está família está procurando a filha para casamento, quem é esta família, em que *djorson* pertence esta família, e depois eles vão marcar outro encontro onde vão dar a resposta. Depois da resposta, o rapaz vai marcar o dia do casamento, mas antes do casamento o rapaz tem que trabalhar para o cunhado. Mas esta prática de trabalhar para os cunhados ou dar casamento já está acabando, quase não existe mais, porque eles já estão no outro mundo nada é constante para sempre; existem as mudanças.

Do ato do casamento os noivos não têm a voz, só as famílias dos noivos é que se falam, e eles não decidem nada, os noivos estão só nas orientações das famílias, a noiva raspa cabelos no ato de cerimônia do casamento e passa óleo de palma em toda parte do corpo e é acompanhada de amigas. (Gobetoco, 17/07/2015).

Para o entrevistado Gobetoco, o casamento é a forma de convivência entre o marido e a esposa, em união entre os dois. Essencial é fazer os casais se entenderem nos seus casamentos. É uma prática de origem tradicional, referente a costumes e ritos. Van Gennep diz:

De todas estas descrições depreende-se com evidência que as etapas do casamento e sobretudo a principal, o noivado, têm entre outros, um alcance econômico. Além do mais, todo casamento, justamente porque não são apenas dois indivíduos que se acham em jogo, mas realmente vários círculos mais ou menos vastos, é uma perturbação social. Um casamento acarreta o deslocamento de um certo número de elementos uns com relação aos outros, e este deslocamento, atuando por continuidade, determina uma ruptura de equilíbrio. (GENNEP, 2013, p.123).

Van Gennep mostra que, para além de duas pessoas se casarem, há um outro alcance para que um indivíduo saia de uma etapa para outra (de solteiro para casado). Há um amadurecimento e outro olhar para dentro da sociedade com esse ritual. A pessoa adquire outros saberes. Assim, o entrevistado vai nos dar o seu olhar sobre casamento, como vemos no trecho abaixo:

Começando pelo casamento da mesma etnia, que é Pepel, é uma etnia que está na província norte do país, onde a maioria desse grupo étnico está concentrada [que é] na região de Biombo. O casamento nada mais [é] do que é uma forma da convivência do marido e da esposa de uma forma bem preparados formalmente pela via tradicional da própria etnia, os seus ritos, costumes culturais. Mas o essencial ou a importância dele, é de fazer com que os maridos e as esposas se entendam uns com os outros e acatem os conselhos dos mais velhos para que haja uma boa felicidade durante e para todo tempo dos casamentos. Além disso, esses comportamentos transmitidos pelos mais velhos no processo de casamento, são muito importantes e que os

casais devem adquiri-los. Este procedimento é muito importante para este grupo étnico. Caso contrário, [se você não o fizer] é considerado como uma pessoa fora da linha dos rituais da mesma etnia (Covapin 25/03/2015).

De acordo com outro entrevistado, Yeque, vemos que há outro ponto de vista baseando na questão de linhagem, ou seja, na questão da *djorson*. Ele vai dizer que é como se fossem as famílias que se casam, porque as famílias que se comunicam entre si para organizar o casamento e os filhos só cumprem o que a família diz. Também falou das cobranças de dotes que a família das noivas cobra aos familiares do noivo, desde panos, animais, vinhos e outros... O ritual de cerimônia de casamento se realiza à noite. Tem dois dias de cerimônia de casamento: o primeiro dia é a lavagem e o segundo dia é o casamento propriamente dito.

O casamento é o ritual ou cerimônia mais importante na etnia Pepel, porque é no casamento que a pessoa vai poder pertencer ao seu *djorson* ou suas linhagens consanguíneas. Os Pepelis dizem (quínha) que significa *djorson* em crioulo. Quando um jovem atinge uma idade de se casar, são os pais ou a família que vão dar o casamento para o seu filho. A família do jovem vai procurar a outra família em pedido de casamento. Os jovens ficam só a esperar as respostas das famílias. Isso também significa que o jovem ou a jovem são dados em casamento [de forma] forçada, sem que eles queiram. Mas esta prática de dar casamento já está a diminuir, [ou seja] agora cada qual escolhe com quem ele ou ela quer casar. Antigamente para se casar tinha que passar por quatro etapas, mas agora não se verifica isso. Basta ter condição, [que] casa rapidamente sem passar por essas etapas. A primeira etapa ou primeiro dia, a família do jovem vai na casa da família da jovem para pedir a filha em casamento ao seu filho, o pai ou tio do jovem vai levar um litro de cachaça [para a família da jovem]. E quando chega lá chamam a família da jovem para receber a família do jovem com respeito e conversar sobre o pedido do casamento. Depois do assunto do pedido de casamento, a família da jovem vai marcar outro encontro com a família do jovem. No outro dia vai ser a resposta do pedido. A família da jovem vai analisar o comportamento, vai procurar saber quem é a família deste jovem, e depois eles vão decidir se dá para sua filha casar não. Na segunda fase ou segundo dia, é o dia que a família do jovem vai receber a resposta do pedido de casamento. Se dá para casar ou não. Quando a família vai receber a resposta, um litro de vinho de cachaça não falta. Leva-se um litro de cachaça de novo para receber a resposta: se dá para casar ou não. Se não, eles vão justificar o porquê não deram a filha em casamento, quais os motivos. Se é sim, eles vão justificar que deram a filha em casamento devido a tal motivo. E depois vão marcar o próximo encontro, que será a marcação da data da realização do casamento, onde vão se reunir com todas as famílias. A família da jovem vai chamar todos os membros da família para marcar o dia do casamento. Vão contar quantos dotes que o jovem vai comprar e que cerimônias que a família deveria fazer antes do dia do casamento. O que é necessário fazer antes do dia do casamento para que não aja

perigo. No terceiro encontro é o dia que eles vão marcar a data do casamento, a família do jovem leva mais um litro de cachaça e tabacos. É de lá que eles vão contar todas as coisas e dotes que o futuro marido vai comprar para levar para família da noiva, os animais que ele deve comprar para a cerimônias. O jovem vai tomar a nota de todas coisas que ele vai levar para o casamento. No quarto dia que é o último dia, é o dia do casamento, um amigo ou família fiel do noivo que vai se responsabilizar pelo casamento, ou seja, vai controlar tudo o que foi comprado, o que falta, e tudo que vai sair, que vai entrar. Quem trouxe alguma coisa para o noivo como presente, ele vai conferir tudo e anotar, os dotes que foram pedidos para a família da noiva. Tudo vai passar pelo controle deste responsável pelo casamento. Eles chamam esta pessoa de *Pepel m,bup kmar* (controlador ou responsável pelo casamento). A cerimônia do casamento sempre acontece à noite, a partir de 21:00 horas. A família do noivo vai levar todos os dotes que foram pedidos na casa da família da noiva, e quando chegar lá, a família da noiva vai conferir os dotes que foram pedidos, se são completos ou incompletos. Os dotes são: certas galinhas, porco, brincos, panos, farinhas, vinho, tabaco, arroz, e certo preço de dinheiro, entre outras coisas. Todos os dotes serão entregues aos cunhados [família da noiva]. Depois da realização da cerimônia do casamento, a família do noivo leva a noiva para casa do noivo. Lá que vai ser a festa de casamento, a dança, a brincadeira e tudo mais. Em caso de separação, o filho do casal fica na casa do ex-marido. Se o casal não tiver filhos e terminar o casamento, mesmo se a mulher vier a ter filhos com outro homem, o filho vai pertencer ao primeiro marido que lhe fez a cerimônia do casamento. [Ou seja] O primeiro marido que vai ter a autoridade dos filhos. Se a mulher falecer, o velório vai ser realizado na casa do ex-marido. Por isso, o divórcio do casamento de etnia *Pepel* não existe. Mesmo após a separação, existem cerimônias que a noiva faz na casa do ex-marido. O casamento é compromisso eterno. (Yeque, 23/03/2015).

Para Jofraca, um dos entrevistados, o casamento dá acesso à tomada das decisões em reuniões de alguns atos importante nas sociedades *Pepel*. Tem certas decisões ou certas reuniões que o solteiro não pode participar. O casamento distingue um solteiro de um casado, o respeito que um casal tem em relação a um solteiro, o lugar que um casal pode ter entre e onde um solteiro não pode entrar etc. Também define os nomes que são usados para os casados e para os solteiros. E também como os dotes são cobrados de acordo com a *mers, tabancas*. Tem algumas famílias ou *moransa* que cobram muito e outras que cobram poucos, no caso dos dotes. Depois das realizações das cerimônias de casamento, ocorrem as festas. Nesse momento, os colegas, amigos e famílias dançam e brincam em um ambiente de alegria.

O casamento é considerado como a cerimônia mais importante na etnia *Pepel*, porque lá que a pessoa vai pertencer a sua *djorson*, vai poder participar na tomada das decisões da família, vai poder ser independente, vai ter uma oportunidade de poder herdar outra a

moransa. A organização do casamento depende das formas da organização do casamento em cada *mers* ou *tabanca*. Cada uma tem a sua forma de fazer a cobrança de dotes e animais para as cerimônias do casamento. O casamento dura dois dias, o primeiro dia é a lavagem como diz os Pepelis. E o segundo dia é o casamento. A lavagem se realiza a noite; esta lavagem é um ritual que se realiza no casamento na noite. Antes da lavagem, a família da noiva vai controlar tudo que foi cobrado ao jovem. Os dotes e animais vão ser conferidos e contados pela família da jovem. [Só] depois de conferir os dotes, é que a cerimônia vai ser realizada. Se faltar algum dote que foi pedido, [o acontecimento] pode até adiado. (...) Para se realizar o casamento, [deve haver] um acordo apenas se a família do jovem completar o que falta dos dotes combinados para a cerimônia. Só depois desse acordo, é que começa a cerimônia da lavagem. E depois o casamento é festa com família e amigos [que] brincam e dançam (Jofraca, 15/06/2015).

Enquanto Tedjediblo, por outro lado, traz análises mais teóricas sobre o assunto. Para esse entrevistado, o casamento oficializa os casais a viverem juntos a partir do aconselhamento da família e dos que já passaram por esse processo. Ali são ensinados como eles podem lidar um ao outro. Assim, o que a pessoa aprende no casamento diz respeito aos segredos e aos ensinamentos de subjetividades que não se passam de uma pessoa para outra pessoa. Apenas pode ser aprendido no mundo do casamento. Só os que já casaram podem saber desses segredos. Além disso, ninguém pode perceber que esta pessoa é casada/o, já que esse *status* é expresso em suas ações. Assim, só quem percebe essa condição é quem já passou por ela. Porque os comportamentos dos casais são diferentes dos solteiros. Van Gennep descreve a importância do casamento e nos mostra que ele possui outro alcance que não é só o de aprendizagem mas pode ser uma questão econômica ou também entendido como fraternidade entre duas pessoas.

Maria Clara Saraiva nos apresenta o que leva as pessoas a se casarem, em especial, o respeito de quando a pessoa morrer.

Logo nestes primeiros rituais, há diferenças a assimilar, consoante o estatuto social do morto. Uma pessoa que não cumpriu a cerimônia tradicional do casamento não tem direito à esteira sagrada, nem a ser lavada com água quente e, ser for um homem, não pode ter as tangas de pele coloca sobre o corpo. Se a mulher é casada, põem-se missangas em termo de pescoço e da barriga; se a defunta tinha filhos mas não era oficialmente casada, estas decorações corporais não figuram, conservando-se no corpo, como acabamos de ver, apenas a *linha di rabada*. Os colares de missangas em termo de pescoço e da barriga simbolizam o estatuto social da mulher casada, e são os equivalentes femininos das tangas de pele de cabrito dos defuntos de sexo masculino (Saraiva, 2003, p,193).

Uma pessoa pode casar sem ter ido ao *fanadu*, mas vai ter uma certa cerimônia no casamento que vai lhe exigir o *fanadu*. Por isso, vai ter que deixar essa cerimônia até quando for o *fanadu* para poder cumpri-la. Se a pessoa casar no cartório, ele é considerando solteiro para a sociedade Pepel. Só quando ele se casar no uso tradicional é que vai ser considerado/a casado/a.

O casamento oficializa a pessoa para que ela possa viver junto com a parceira ou parceiro, mas tem certas coisas que a pessoa vai aprender [tanto] no casamento como no *fanadu*. A mulher vai aprender a ser a mulher não pelo fato de ser mulher, mas sim ela vai aprender a ser mulher, aprender a se ligar com o marido, como lidar com a sociedade, cuidar da casa, educar as crianças, e outros assuntos que servem para serem aprendidos no casamento. [Ou seja] aprender a respeitar e ser respeitado. O ensinamento que o indivíduo vai aprender durante o rito de casamento é subjetivo, não pode ser revelado a quem não frequentou este ritual. Porque ser sagrado e ter um valor sagrado, não pode ser repassado a outra pessoa. É no sagrado que todas as coisas se fundamentam. Outra coisa é viver na sua subjetividade, mas que pode ser entendida através da sua ação. Quem pode descrever a sua ação, é só quem já casou. É a pessoa que já passou nesse ritual que vai entender que esta mulher está se comportando de tal maneira, ou este homem está se comportando de tal jeito, assim e assim. Tudo tem a ver com tal ritual. Uma mulher solteira, de acordo com ponto de vista de etnia Pepel, não pode entender nada do que a mulher casada faz, nunca pode entender a ação dela como casada. Só quem é casada ou casado que vai entender a ação de quem é casada ou casado.

Um jovem pode casar sem ir o *fanadu*, mas tem a circunstância [especial] para isso acontecer, como por exemplo se esta pessoa engravidar uma moça antes de ir ao *fanadu* e se a família da moça obrigar o rapaz a casar, o rapaz pode casar sem ir o *fanadu*. Mas ele não vai participar na cerimônia de consagração que é chamado *quinedjun*. Só quando ele for ao *fanadu* é que vai poder fazer esse *quinedjun*. Por mais que tenha filhos, vai chegar um momento que a pessoa vai fazer esse *quinedjun*. Os solteiros ou solteiras são excluídos de certas cerimônias que não podem participar, ou seja, vão ter limitações para participar em certos rituais que exigem o casamento. Esse é um processo de exclusão, neste caso porque não passaram no processo de casamento. Entre o casamento e o *fanadu* [se comparados] todos os dois são sagrados, por isso é através do sagrado que se facilita esses rituais que são importantes para os Pepelis. Então por isso que todo os dois tem importância. O casamento é a essência porque quando morrer, o solteiro, o seu velório é diferente do que é casado. O casado tem mais respeito (Tedjediblo, 31/04/2016).

Segundo Covapin, outro entrevistado, vemos que o casamento é a união entre duas pessoas de sexo diferente para formar uma família. Ele fala mais na questão da organização do casamento. Ainda Covapin fala do sistema maternal, ou seja, os Pepelis são de linhagem maternal e os filhos pertencem às *djorsons* das mães. São sempre os

tios maternos (irmãos da mãe) que têm mais direito sobre o sobrinho do que o pai, segundo as leis tradição dos Pepelis. Tudo que eles fazem está baseado nas tradições. Para isso, estão sempre consultando os *irãs* (espíritos que muitas vezes são também entendidos como tabu).

Casamento é a união entre duas pessoas de sexo diferente, entre o homem e a mulher; a mulher deixa a casa da sua família para se unir com o marido, eles vão morar junto para a formar família, no caso dos Pepelis. Na busca de casamento, a primeira etapa é busca de casamento, a família do rapaz vai para família da menina para pedir a filha em casamento. A família vai levar uma folha de tabaco e um litro de cachaça. Neste caso, [é] a família que se casa, ou seja, [são] os *djorson* que se casam - a família do rapaz e da moça. Antes da família ir pedir o casamento para outra família, a família do rapaz tem que fazer inquérito e tentar saber da pessoa com quem o seu filho quer casar, tentar saber a história desta família desde seus ancestrais até esta família [na atualidade]. Quem é esta família, como se comporta, qual o *djorson* dela, e é só depois de saber tudo da família da moça que pedem em casamento. O tio, a tia ou o pai do rapaz leva um litro de cachaça para a família da menina em pedido o casamento. No momento de conversar sobre o casamento, eles vão beber vinho juntos e conversar. Segundo eles, é o vinho que fala, *plandunpu* em Pepel (falante). De lá, eles vão marcar o próximo encontro.

No segundo encontro, a família da menina vai decidir se a filha vai casar com o rapaz ou não. Se sim, a família vai justificar o porquê; se não, ela vai justificar também os motivos. Se família aceitar o pedido de casamento, o rapaz vai trabalhar para o cunhado nas lavouras, no trabalho de colheitas e outros trabalhos. Depois eles vão marcar o dia do casamento. Mas agora não se verifica [mais] essa prática de trabalhar para o cunhado; o rapaz não trabalha mais para cunhados e nem [se espera dos familiares] darem mais casamento. Mas sim, são as pessoas que se gostam, se amam e, depois, decidem se casar. Mas tem que passar por esse processo de pedir à família da menina em casamento.

O terceiro dia é marcar o dia do casamento: a família do rapaz vai para a casa da família da menina para marcar o dia do casamento. A família da menina vai contar o que o rapaz vai comprar. As jóias, animais, panos, farinhas, vinho e certos valores em dinheiro.

O quarto dia é o dia do casamento e a festa, a cerimônia do casamento tem dois dias. O primeiro dia é o dia da lavagem, como eles dizem, e o segundo dia é o casamento. Na lavagem é o dia da realização da cerimônia e entrega dos dotes cobrado para os cunhados, os dotes que foram pedidos. Se faltam algumas coisas, o casamento vai ter impacto no início, devido a falta dos dotes, mas depende das quantidades que vão faltar. Se faltar pouco, não vai ter impacto; mas se faltar muitas coisas sim, vai ter impacto. Pode até adiar o dia do casamento. Ou pode ter um acordo, se a família do rapaz vai completar essas coisas que faltam no outro dia. Ou [mesmo] a família vai perdoar e deixar de cobrar esses dotes que faltam depois da cerimônia. Depois de conferir

todas coisas compradas, e que vão ser entregues à família da menina, eles vão para os rituais do casamento.

O ritual se realiza à noite a partir de 21 horas em diante. No ato da cerimônia, a família da noiva amarra uma linha na cintura para o noivo cortar. Se noivo cortar, é grande alegria, a cerimônia de casamento já foi realizada; se não conseguir cortar a linha, significa que o casamento não foi realizado. Esta linha vai ser bem dura. O marido vai fazer tudo para cortar. O segundo dia é o dia do casamento. No casamento é a festa, e também é dia de conselho; os homens que já se casaram vão dar conselhos ao noivo, e as mulheres vão dar conselhos para a noiva. Enfim é festa na casa da família do noivo, amigos e conhecidos que levam presente aos noivos. Depois da cerimônia do casamento, a noiva volta para casa da família, ela vai fazer uma hospedagem por algum tempo na casa da mãe ou de alguma família, pode ser um mês, dois meses ou uma semana, e depois o noivo vai trazê-la para a sua casa, que se chama em Pepel *Ptip*. O casamento é a cerimônia mais importante na etnia Pepel, a pessoa pode ter muitas coisas de valores, mas se não casar, ele não é nada perante a sociedade Pepel. Mesmo tendo muitos filhos ou casar no cartório ou na igreja, ele [é considerado] solteiro, porque não casou tradicionalmente. Os solteiros são excluídos de algumas reuniões importantes, e também de algumas cerimônias. Na etnia Pepel, o filho pertence [ao lado] maternal; o filho nunca nasce atrás da mãe, mas [sempre] em frente da mãe; mas o pai pode viajar e o filho pode nascer atrás dele. Por isso os tios [do lado] maternal é que têm direito na decisão do casal. Os Pepelis dizem *pu pni*, significa “barriga da mãe”, ou família materna, [que são] as tias e os tios por parte da mãe. *Pu pli* [significa] por parte da barriga do pai ou família por parte da paternidade, os tios, as tias da parte do pai. A família por parte da mãe tem mais força e direito nas decisões dos filhos do casal do que da família por parte do pai (Covapin, 25/03/2015).

Esta é a explicação sobre o casamento da etnia Pepel que podemos constatar dos entrevistados. Vemos como o casamento é muito importante para os Pepelis, como a família faz pedido de casamento na base de respeito, tudo que fazem está sob o conjunto de decisões da família e ninguém decide a cerimônia de casamento sozinho, mas sim, em consulta à família e aos mais velhos para poder casar. O casamento exige etapas. Não é feito em um dia, mas sim depende do pedido e de todo um conjunto de procedimentos, como já vimos na tradição de Pepel.

Podemos perceber nas falas dos entrevistados que o casamento dá acesso a outras cerimônias ou outros rituais importantes dessa sociedade. Como os solteiros e casados se integram dentro da sociedade e as diferenças que existem entre eles. Essas tradições não são estáticas, mas podem ou não mudar. A minha percepção pessoal é que as mulheres têm um grande valor nessa sociedade. As mulheres são preciosas; se elas não tivessem valor não seria necessário que os homens passassem por todas essas etapas

para procurar o casamento, trabalhar para os cunhados, gastar muito para conseguir casar. Vimos também que, mesmo casando no cartório, considerado o casamento oficial ou na igreja, considerado o casamento religioso, o casamento tradicional é o que vale. Isso significa, para os Pepelis, que se ainda não realizou essa cerimônia tradicional, não casou e a pessoa é solteira ainda. Isso é o que podemos perceber das explicações dos entrevistados sobre o casamento de etnia Pepel.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostra as nossas origens. Às vezes, algumas pessoas desprezam o que não consideram como importantes. E preferem procurar saber outras histórias sem saber da sua própria história. Não culpo as pessoas que procuram outros conhecimentos fora da seu. Mas destaco que é bom conhecer a sua própria. É bom respeitar a identidade ou diversidade, que pode ser expressa tanto na religião, na tradição, no grupo social, até mesmo na deficiência física, cor, raça, etnia. Todas estas variações devem ser respeitadas. Às vezes, caracterizamos a pessoa pela aparência sem saber o que ela/ele é. Ou seja, ignoramos as práticas dos outros e achamos que as suas práticas não são boas para serem conhecidas a fundo. Antes de caracterizar as pessoas pelas suas práticas ou costumes, é importante tentar saber mais sobre como vivem, o que fazem e porque o fazem.

Estas considerações finais surgem a partir do que encontramos na Guiné-Bissau com relação ao choque e a conflitos entre o Estado (governo) e as práticas tradicionais. Apesar do Estado ser o órgão máximo no país, não pode abusar de sua autoridade e entrar em choque com outra instituição política, como por vezes vemos acontecer. Este trabalho não serve só aos Pepelis, mas também aos outros grupos étnicos. Os guineenses são um só povo, composto por diferentes grupos étnicos. Vimos que os Pepelis têm a ligação com outros grupos étnicos, ou seja, uma aproximação. Cada grupo étnico tem uma ligação com os outros, e as atitudes consideradas próximas de um “tribalismo” são causadoras de conflitos por não respeitarem a igualdade entre os grupos étnicos, e promoverem uma escala hierárquica e valorativa da diferença. Esta pesquisa procura contribuir para reduzir esses olhares ligados ao “tribalismo”, como se diz na expressão guineense. A sugestão é deixar de lado a questão étnica ou religiosa no interior da política nacional. Todos nós somos iguais e ninguém é melhor do que o outro. O que é necessário é respeitar a diversidade e a identidade de todos, sem menosprezar ninguém. Isso inclui respeitar as línguas étnicas. E estar aberto para as mudanças, que são constantes e que conduzem à transformação de certas práticas conforme as decisões das comunidades e coletividades de pertencimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULL, Benjamim Pinto.

Crioulo da Guiné-Bissau. Filosofia e sabedoria. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Instituto Nacional de estudo e Pesquisa. INEP. Ministério da Educação 1989.

CARDOSO, Leonardo.

“Sistemas de herança entre os Papéis Mancanhas e Manjacas”. **Revista de estudos guineenses.** Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa, INEP. Nova serie n*6. Julho, 2003.

“Os Brames: Da Morte ao Enterro” **Revista de estudos guineenses.** Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa, INEP, Nova serie n.8. Julho, 2004.

DURKHEIM, Emile.

As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GENNEP, Van Arnold.

Os ritos de passagem. Editora Petrópolis, 4 edições, Rio de Janeiro. 2013.

JAO, Mamadú.

“Origem étnica e Migração entre os mancanhas da Guiné-Bissau”. **Revista de estudos guineenses.** Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa, INEP. Nova serie n.6. Julho, 2003.

J.Vansina.

A tradição oral e sua metodologia. Metodologia e pré-história da África. Editor. J. KI-ZERBO, UNESCO. Representação no BRASIL Ministério da Educação do BRASIL HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA I, 2010.

LOPEZ, Carlos.

Kaabunké Espaço, Território, e poder na Guiné-Bissau, Gambia e Casamance Pré-Coloniais - Etnia, Nação, Estado, Sociedade, Mansaya.

Lisboa: Comissão Nacional para das comemorações dos descobrimentos, portugueses, 1. Edição. Maio de 1999.

PINTO, Paula.

Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento. Porto, 2009.

SARAIVA, Maria Clara.

“Rituais Funerários entre Papéis da Guiné-Bissau (parte I) ”, **Revista de Estudos Guineenses**, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, INEP. Nova Serie n° 6. 2013.